

AMANHÃ VAI MELHORAR

Ronald Sclavi

**A HISTÓRIA DO IMIGRANTE  
ARMÊNIO ARA AGOPYAN**

## Capítulos

### 1- A infância e juventude

#### I. O Pai

- i. O Contexto histórico – genocídio e minorias
- ii. A formação, as lições

#### II. Istambul e os turcos

- i. A vida de um Armênio no coração da Turquia
- ii. Agopyan e Ibranyan
- iii. O Varlık Vergisi e o exílio de Hopar

#### III. O basquete na vida de Ara Agopyan

- i. Federação Sindical
- ii. Praia Clube

#### IV. O Serviço Militar

- i. Um banho inesquecível
- ii. Gyavur 771
- iii. Entre perus e carneiros
- iv. 771 formado

#### V. Pogron e a decisão de partir

### 2- Paris

#### I. Os primeiros momentos

- i. O trabalho e o aprendizado
- ii. A Paris de Ara Agopyan – o metrô, os lugares que marcaram a história
- iii. Os amigos em Paris
- iv. O acidente

#### II. A decisão pelo Brasil

- i. As correspondências
- ii. A viagem de navio

- 3- Uberlândia
  - I. A chegada e os contrastes
  - II. A verdade sobre o tio
    - i. Privacidade invadida
  - III. A gota d'água
    - i. São Paulo à vista
    - ii. A herança de Garabed
- 4- Ara trabalhador
  - I. As viagens pelo interior do País
    - i. Belo Horizonte: o primeiro destino
    - ii. A poupança para o casamento
  - II. Tubos não ferrosos
  - III. O Brás entra na vida de Ara Agopyan
  - IV. De empregado à empresário
- 5- O casamento e a família
  - I. Conhecendo Dna Rosa
  - II. Os filhos e as conquistas (apartamentos, carros, patrimônio)
    - i. Ani
    - ii. Ara
    - iii. Marcelo
- 6- Um acidente que muda a história da família
  - I. Como tudo aconteceu
  - II. A vinda da mãe e irmã para o Brasil
  - III. A mãe e seus últimos momentos
- 7- Empresa e família
  - I. O futuro dos Agopyan
  - II. A terceira geração – obra aberta

# Capítulo 1

## Infância e Juventude

## I – O Pai

Há várias formas para começar uma história. O protagonista dessa saga, aliás, é conhecido por aqueles que o cercam como um grande contador de histórias. É bem humorado, atento aos detalhes, dotado de uma memória incrível e com uma atenção especial para a natureza humana e o comportamento das pessoas.

Sua vida trafega por cinco países, quatro idiomas, centenas de cidades e centenas de milhares de quilômetros percorridos por terra, mar e ar. Uma história que venceu o sofrimento, o preconceito e encontrou a prosperidade. Uma vida erguida sobre as colunas do trabalho e da família.

O nome é Ara Agopyan. Sua vida começa em 15 de março 1932, em Istambul. Mas, sua história tem início muito antes do seu nascimento. E não há outro modo de começar a contá-la, senão viajar no tempo até 1896, na longínqua Yozgat<sup>1</sup>, uma cidade montanhosa no coração da Turquia, na região de Anatólia.

O território de 12 mil km<sup>2</sup>, reúne uma população de pouco mais de 103 mil habitantes<sup>2</sup>. Naquele final de século XIX, Yozgat tinha menos de 30 mil moradores, entre os quais muitos Armênios. Nascia ali, um menino que iria se destacar pela erudição, grande conhecimento linguístico e um charme contagioso.

---

<sup>1</sup> Se usa também Yuzgat ou Yuzgad

<sup>2</sup> Dados de 2017

Himayak Agopyan, ou simplesmente Hobar, como era conhecido, é o Pai de Ara e também sua principal referência - um personagem presente em cada dia dessa história, em vida ou em memória, pelo que ensinou, pelo que viveu e pelo seu grande legado. Sua história, fala sobre um homem reservado para com sua intimidade, porém, dos mais influentes, nacionalistas e atuantes no seu tempo.

“Hobar<sup>3</sup> era um personagem. Original em tudo, desde a gravata até os sapatos, o corte de cabelo e o bigode. Uma pessoa muito educada e um grande especialista nas línguas armênia e turca. Ele colaborou com filólogos renomados na preparação do primeiro dicionário turco moderno quando o novo governo organizou um grupo de estudiosos para limpar o otomano falado, uma mistura muito rara de palavras árabes e persas”, lembra o amigo Vahak Ibranyan, um quase irmão de Ara que essa história apresentará em breve.

O apelido Hobar, mais do que a designação de parentesco carregava também uma boa dose de carinho. Para além das relações sanguíneas, havia nessa palavra o reconhecimento da sabedoria e a reverência diante do que Himayak representava para os seus pares.

Ainda segundo Vahak, Hobar “falava um armênio impecável, no dialeto armênio ocidental<sup>4</sup>. Me lembro de ir a sua casa quase todas as tardes para ouvir como falava com vários amigos sobre assuntos de nossa comunidade. Em turco não era menos fluente. Duvido que em sua época houvesse outro armênio com tanto conhecimento linguístico quanto ele.” Para entender alguém como Hobar, é

---

<sup>3</sup> Significa tio. É um diminutivo da palavra hor yehpair que significa irmão do pai.

<sup>4</sup> Dialeto também falado na Armênia oriental e na Pérsia

preciso entender também o caldo histórico e cultural daqueles anos e a própria história do seu povo.

Os otomanos conquistaram Yozgat em 1398. Desde então, essa monarquia experimentou momentos de forte expansão territorial. O império se desdobrou no Sudeste da Europa, Europa Central, Ásia Ocidental, Cáucaso e norte da África – um gigantesco conglomerado de culturas, idiomas e crenças em constante tensão.

Uma série de derrotas em meados do século XVIII fez voltar o olhar dos monarcas para a gestão dos seus súditos. Movimentos supostamente modernizadores e reformas administrativas tentavam impor o Islã como grande condutor de um processo de organização com um discurso agregador, muito europeu, porém, com uma prática cruel e discriminatória, com as minorias não muçulmanas: os armênios, gregos e judeus.

O sultão Mahmoud II nessa declaração de 1830 procurava mostrar para o mundo um império tolerante: “Eu distingo entre meus súditos, muçulmanos na mesquita, cristãos na igreja e judeus na sinagoga, mas não há não há diferença entre eles em alguma outra extensão. Meu afeto e meu senso de justiça por todos é forte e eles são na verdade todos meus filhos.”<sup>5</sup> Entretanto, comunidades não muçulmanas, como aquelas de Yozgat, jamais gozaram os mesmos direitos políticos, tampouco a prometida liberdade religiosa.

Verdadeiras pedras nos sapatos dos turcos essas comunidades, mesmo enfrentando discriminação e preconceito, se destacavam pela sofisticação intelectual e o domínio linguístico. Até o final do século XIX, os não muçulmanos representaram metade dos diplomatas otomanos no exterior. Gregos e armênios foram

---

<sup>5</sup> Reşat Kaynar, *Mustafa Paşa ve Tanzimat*, Ankara, 1954.

nomeados embaixadores em Londres, Paris, Bruxelas, Berlim, Viena e São Petersburgo.

Pedro Bogossian, um dos maiores pesquisadores da migração armênia para o Brasil, explica a dinâmica das relações entre islâmicos e as minorias, no território que hoje chamamos de Turquia:

As unidades administrativas eram formadas em função do pertencimento religioso, cabendo ao líder espiritual também a tarefa de coordenar politicamente a sua comunidade, uma organização conhecida como sistema de *millet* (ou nações). O *millet* armênio era controlado, portanto, pelo chefe máximo da Igreja Armênia, o Catholicós, que, sediado em Constantinopla (denominada a partir de 1453 “Istambul”), era encarregado de mediar as relações entre a comunidade e o governo imperial.

As relações entre, de um lado, as comunidades étnicas e religiosas e, de outro, a Sublime Porta, pautadas até então por certa cordialidade, sofreram, contudo, uma guinada significativa a partir do século XIX. Ao longo desses cem anos, transformou-se a condição dos *millet* e, em relação ao *millet* armênio, foi iniciado o processo que culminou com as perseguições e a grande emigração entre os anos 1890 e 1920.<sup>6</sup>

Bogossian contesta inclusive a ideia de minoria:

---

<sup>6</sup> Bogossian, Pedro. *CONSTRUÇÕES E RECONSTRUÇÕES DA IDENTIDADE ARMÊNIA NO BRASIL*, dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 2011. P 17.



As minorias étnicas possuíam, portanto, inegável importância financeira, uma vez que em termos numéricos superavam largamente a comunidade turca, de modo que o Império não poderia subsistir apenas com base no rendimento das atividades da etnia politicamente dominante no seu território central.<sup>7</sup>

Naquele final de século XIX, quando Hobar nasceu, cresciam as pressões políticas europeias em favor das minorias e os muçulmanos se viam sob um governo desorganizado e ineficiente, incapaz de promover o bem comum. Bogossian acrescenta:

Não deve surpreender, pois, que as comunidades formadas por minorias étnicas e religiosas, por desfrutarem de relativo conforto e segurança, fossem responsabilizadas pelas crises que de tempos em tempos abalavam o Império (...). Acrescente-se a isso o enriquecimento desses grupos, beneficiados pela ampliação do comércio com a Europa, em um período de acentuado declínio econômico do Império Otomano. A animosidade entre as etnias, portanto, crescia intensamente no final do século XIX e não tardaria a se manifestar em atos de violência explícita<sup>8</sup>.

Hobar, nasce juntamente com um grande movimento nacionalista que pleiteava a independência de regiões armênias, com caráter separatista:

---

<sup>7</sup> Idem. P 21.

<sup>8</sup> Bogossian, Pedro. *CONSTRUÇÕES E RECONSTRUÇÕES DA IDENTIDADE ARMÊNIA NO BRASIL*, dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 2011. P 24.

Começaram a se organizar, então, grupos que, em resistência ao governo otomano, defendiam a separação dos territórios armênios em relação ao corpo político do Império, tais como: a União para a Salvação da Pátria, fundado em 1872; a Sociedade da Cruz Negra, de 1878; e o Protetores da Pátria, de 1881. Os primeiros partidos políticos armênios seriam fundados logo em seguida: o liberal Armenagan, criado em 1885; o social-democrata Hentchaguián, de 1887; e a Federação Revolucionária Armênia (FRA) Taschnagtsutiun, de 1890<sup>9</sup>.

Ara Agopyan recorda que os partidos armênios viviam disputas constantes, apesar de defenderem as bandeiras de uma mesma minoria. “Mas, diante das ameaças turcas, deixavam as diferenças de lado e lutavam juntos”, observa.

O nacionalismo do pai de Hopar foi uma consequência do caldo político daqueles anos. Paralelamente, nessa mesma época, surgiam também várias sociedades secretas muçulmanas inspiradas nos grupos revolucionários europeus. Um dos grupos de oposição fundados nessa época foi o Comitê para a União e o Progresso (CUP), que ficou conhecido como Partido dos Jovens Turcos.

Boa parte dos militantes fazia parte do exército, controlado por eles a partir de 1908. O próximo passo foi a suspensão da Constituição e a redução da figura do Sultão a um papel decorativo. O poder passava para três personagens que marcaria com sangue armênio a história da humanidade: Talaat Pacha<sup>10</sup> (ministro do interior), Enver

---

<sup>9</sup> Idem

<sup>10</sup> O termo Pacha não é um sobrenome, mas uma espécie de grau de comando militar.

Pacha (ministro da Guerra) e Djemal Pacha (ministro de obras públicas).

Contando em princípio com o apoio dos armênios, o CUP terminou dominado por sua corrente nacionalista e substituiu a ideia de “igualdade étnica” pela concepção de “nação dominante”, materializada pela população muçulmana. A tolerância em relação aos armênios diminuía progressivamente.

Ao declarar guerra à Tríplice Entente, o Império convocava as diferentes etnias a lutar em suas fileiras; enquanto isso, organizava-se na Rússia uma legião de voluntários armênios prontos a atacar os territórios otomanos.

No exército otomano, os armênios eram vistos com grande desconfiança, não apenas devido aos conflitos dos últimos anos, mas também pelo receio de deserções ou sedições, especialmente em direção à Rússia. Por essa razão, em fins de janeiro de 1915 os armênios mobilizados para o exército passaram a ser progressivamente desarmados e deslocados para a realização de obras públicas, o que é visto por alguns autores (e ressaltado em alguns depoimentos) como o prenúncio do genocídio que estaria por vir. Ao mesmo tempo, as derrotas sofridas pelos turcos no Cáucaso, resultado do despreparo e da insuficiência do equipamento do exército, foram atribuídas aos armênios que habitavam a região, acusados de espionagem e de traição; em represália, os soldados que batiam em retirada atacavam os vilarejos

armênios no caminho, destruindo e saqueando tudo aquilo que encontravam.<sup>11</sup>

## **I.I Genocídio e Minorias**

É quando a história de Hopar, aos 19 anos de idade, encontra o fatídico dia 24 de abril de 1915. O governo turco ordenou a prisão e a execução de intelectuais da comunidade armênia, totalizando cerca de 250 vítimas apenas em Istambul. Essas mortes tiraram de um povo seus líderes e seus pensadores: escritores, políticos, artistas em geral e até mesmo médicos e professores foram eliminados. Era o início do genocídio, o primeiro da história moderna, que vitimou quase dois milhões de armênios sob o domínio turco.

Pouco se sabe como o próprio Himayak Agopyan escapou com vida dessa tragédia. Aos filhos, não falava sobre esse momento e nem como deixou a Província de Yozgat, provavelmente já no início do genocídio. Ara, entretanto, acredita que as habilidades linguísticas do pai provavelmente salvaram os Agopyan do massacre.

No exército turco, em combates na Romênia, Hopar usou dos seus conhecimentos para traduzir livros do francês para o idioma turco dos seus superiores, conquistando a simpatia do mesmo exército que se voltaria contra o seu povo. Os textos que amenizaram a rotina das trincheiras podem ter sido o trunfo para a fuga dos Agopyan no genocídio.

A história da região de Yozgat conserva documentos narrando atrocidades turcas sofridas pelas minorias. Essa história poderia ter

---

<sup>11</sup> Bogossian, Pedro. *CONSTRUÇÕES E RECONSTRUÇÕES DA IDENTIDADE ARMÊNIA NO BRASIL*, dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 2011. P 33.

se perdido não fosse o esforço do monge católico Krikor Guerguerian. O religioso era o caçula de dezesseis irmãos. Apenas seis sobreviveram ao genocídio. Ele testemunhou inclusive o assassinato de seus pais. Ao lado de um irmão, escapou para Beirute e se formou no Mosteiro-Escola Católica Zimmar (Bzemmar).

O irmão do religioso conheceu no Cairo o famigerado Mustafa Pasha, o Curdo, como era conhecido esse juiz, um dos arquitetos do genocídio. A partir de conversas chegou a um arquivo cujos originais encontram-se no Patriarcado Armênio em Jerusalém. Guerguerian filmou os documentos mais tarde digitalizados e organizados pela Clark University, dos EUA.

O chamado fichário de Yozgat reúne anotações e documentos que derrubam qualquer tentativa racional de negar o genocídio, como faz até a atualidade o governo turco.

A aldeia foi totalmente queimada. Alguns dos armênios foram queimados, alguns foram completamente aniquilados enquanto outros tomaram veneno. Outros ainda conseguiram escapar durante o incêndio<sup>12</sup>.

Quando os armênios não eram aniquilados na própria cidade, as autoridades diziam que seriam exilados. No caminho do suposto exílio, não raro eram assassinados.

---

<sup>12</sup> Trechos dos documentos do relatório Krikor Guerguerian, via site da Clark University (<https://commons.clarku.edu/yozygat/index.3.html>).

foi relatado do local que quatro mil armênios foram deportados do condado de Bogazlian [Boğazlıyan] de 17 de julho de 1915 a agosto de 1915<sup>13</sup>.

Bogazlian era um condado vizinho a Yozgat. Os documentos também relatam as atrocidades contra as mulheres da comunidade:

O comandante da Gendarmaria de Yozgat, Tevfik Bey, se envolveu em atividades de gangue durante o curso da deportação com um grupo de assassinos e bandidos que ele recrutou. Os homens armênios de Yozgat foram roubados e assassinados na vila de Tashpinar [Taşpınar]; suas mulheres e filhos deveriam ser enviados para Kayseri, mas eles separaram as belas mulheres e meninas e então massacraram o resto delas, jogando-as no rio chamado Karasu e queimando as aldeias armênias.<sup>14</sup>

Nem as crianças eram poupadas:

Quase todas as aldeias armênias que fazem parte do condado foram limpas pelo Executivo do Condado e pelo diretor municipal. As crianças armênias [deixadas] nas aldeias nem podem sair de casa, muito menos se aventurar onde residem. Devido à triste situação, tem havido uma pilhagem horrível que está a acontecer pela polícia do condado, por oficiais circassianos e pela população muçulmana.<sup>15</sup>

Kayseri abrigava um grupo armênio que praticamente não dominava o idioma da sua etnia. Falavam turco, somente. Ara se

---

<sup>13</sup> Idem

<sup>14</sup> Idem

<sup>15</sup> Idem

recorda de colegas de escola naturais desse Condado que aprendiam com os Agopyan o idioma armênio, como um reforço das aulas nos colégios de Itambul. Ara reencontrou anos mais tarde um desses meninos em Montreal, no Canadá. Era Harutium Tersakian.

## **I.II Formação e lições**

A preocupação com o idioma não era apenas um capricho de Hobar. Era uma forma de preservar um laço que, ao lado da religião, conservava unida a comunidade. A língua armênia é um patrimônio da humanidade, elemento que faz parte da formação cultural e da transição do homem pré-histórico para aquele que registra sua passagem pelo planeta.

Como explica o projeto 100 anos 100 fatos, iniciativa criada para rememorar o genocídio quando do seu centenário, o marco linguístico dos armênios é a criação do seu alfabeto. “Mesrop Mashtots (...) realizou a tarefa no ano de 405 dC, estabelecendo assim o cenário para um rico tesouro de obras de religião e história, ciência e filosofia, manuscritos iluminados, e livros publicados no milênio e meio que se seguiu, continuando até hoje.”<sup>16</sup>

Além das 36 letras originais (e mais duas adicionadas em séculos posteriores para acomodar palavras estrangeiras), o armênio também utiliza sinais de pontuação diferentes dos que são usados nas línguas ocidentais.

É difícil encontrar uma cultura no planeta que venere seu modo de escrita tanto quanto os armênios. É muito comum

---

<sup>16</sup> Trecho extraído de <http://100anos100fatos.com.br/fatos/armenian-alphabet-created-405-ad/>, projeto 100 anos 100 fatos.

que casas armênias em todo o mundo contenham uma representação moldada do alfabeto, e não apenas no berçário para as crianças, mas logo na sala de estar. Decoradas, versões enfeitadas, representações de jóias feitas de ouro, ou a tradição trchnakir (letras armênias feitas de formas desenhadas de aves) celebram igualmente o legado de Mesrop Mashtots ao lado de obras monumentais.<sup>17</sup>

Na Armênia, imensas esculturas esculpidas em pedra celebram o alfabeto. Uma delas no ponto mais alto daquele país o Monte Aragats (4095 metros de altitude) e outra onde o próprio Mashtots está enterrado, na aldeia de Oshakan.

Como todos os idiomas vivos no planeta, o Armênio sofreu várias influências. Até o século XIX, havia apenas o armênio clássico, o chamado Krapar, derivado dos estudos de Mashtots e utilizado como idioma litúrgico da Igreja Apostólica Armênia, com elementos constituintes da maior parte das línguas ocidentais.

A proximidade otomana e russa faz surgir três dialetos, dos quais se originaram o Armênio Ocidental e o Oriental. Apesar de usarem o mesmo alfabeto, as duas formas têm pronúncias diferentes para as mesmas letras. A forma Ocidental agrega outras influências nos países que receberam os armênios da Diáspora, após o genocídio.

Um dos mais tradicionais centros de preservação da cultura armênia, unindo os pilares do idioma e da religião era o Mosteiro Surp Garapet, erguido no século IV pelo padroeiro da Igreja Apostólica Armênia, Gregório, o Iluminador, na Província de Muxe, na Turquia. O local abrigaria os restos mortais de São João Batista.

---

<sup>17</sup> Idem



Nesse templo sagrado, Hopar mergulhou nos seus estudos e tornou-se uma das figuras mais respeitadas entre os armênios que seguiram para Istambul após o genocídio. Nesse convento, Himayak constrói a formação que faria do nome Agopyan sinônimo de cultura, nacionalismo e tradição.

Na memória de Ara Agopyan ali estava o pai das maiores e inesquecíveis lições da sua vida. Algumas delas que replicaria como pai, empresário e marido. Hopar é parte integrante da filosofia de vida que está por trás das passagens dessa história.

A primeira delas e talvez a mais importante tem a ver com o trabalho. “Ele me viciou em trabalho”, declara Ara que lembra de momentos da infância em que o pai anunciava que o garoto tivera sorte, porque um amigo lhe oferecera um emprego durante as férias escolares. Mal sabia que seria o próprio pai que pagaria seus vencimentos, só para que o filho aprendesse o valor do trabalho.

Outro princípio que permeou a relação entre Hopar e seu filho foi a disciplina. A última palavra era a do chefe da família. Um assunto terminava quando ele assim determinava, sem discussão ou questionamentos.

A pontualidade também era cobrada com rigor. O horário de jantar era 20h. Nem um minuto depois. Himayak não almoçava em casa e quando retornava do trabalho fazia questão de reunir todos à mesa.

Já na adolescência, Ara tentava argumentar eventuais atrasos dizendo que o trabalho o impedira de chegar na hora, o que era verdade. Mesmo assim, não havia conversa. Mesa posta, família reunida e ponto final.

“Não tínhamos direito de não gostar da comida e, até hoje, não há comida que não como”, conta Ara que aprendeu com o pai que o alimento é algo sagrado que demanda agradecimento e nunca recusa.

Ara também lembra de ensinamentos em coisas que podem parecer pequenas. “Qualquer que seja sua profissão, quando um dia de trabalho termina, meu pai ensinava que era preciso se limpar e vestir-se de modo que ninguém soubesse o que você tinha passado.” Um trabalhador, no retorno da labuta tem que resgatar a sua dignidade, com a cabeça erguida e devidamente vestido.

Hopar ensinava e dava o exemplo. Em toda uma vida, Ara viu seu pai sair de casa sem a sua gravata borboleta, marca registrada de estilo e elegância, apenas uma vez. Com a camisa aberta e o peito exposto, seguiu em busca do filho nas ruas de Istambul em um dos dias mais tristes dessa história. Em breve o leitor alcançará esse momento.

De Himayak Agopyan, o filho também herdou a alma de comerciante. Hopar foi representante de empresas farmacêuticas em Istambul e prosperou. Ara recorda o talento do pai com as pessoas e a arte de convencer, argumentar e seduzir - tão importante para esse povo que prosperou ao redor do mundo iniciando do nada histórias de sucesso.

Discreto, Hopar foi um marido dedicado e cravou no coração do filho a ideia de que sem a família a vida não está completa. Viúvo da primeira esposa, conheceu Takuhi<sup>18</sup> Horak personagem que fechará com chave de ouro essa saga. Mãe de Ara e Seta, esposa dedicada,

---

<sup>18</sup> Que significa Regina ou Rainha, no latim.

companheira e lutadora – essa figura carrega a marca do equilíbrio que as mulheres da família sabem, como poucas, manter.

Outra característica que Hopar deixou de herança foi o seu nacionalismo. Ser um armênio na Istambul do entre guerras era um exercício de diplomacia, coragem e sabedoria. Algo como atravessar todos os dias um campo minado, pronto a explodir. Mas aquele armênio sabia como defender seus ideais e seu povo.

Havia dois jornais escritos em armênio que circulavam em Istambul: Marmara<sup>19</sup> e Jamanak<sup>20</sup>. Hopar escrevia com frequência artigos no primeiro usando o pseudônimo de Santurdjian<sup>21</sup>. Mesmo sem militar publicamente nos partidos políticos que defendiam os armênios, Himayak tinha relações com as principais lideranças políticas da época e sabia o que falar e como dizer. Em outras palavras, incomodava!

Hopar também escrevia cartas envenenadas para Burhan Felek, editor-chefe do jornal turco Cumhuriyet (República). Ele assinava como "Seu Leitor Armênio". Abordava assuntos delicados da política nacional da época, as causas das minorias e seus direitos. Felek morreu sem saber quem era seu leitor armênio mesmo tendo insistido nas próprias páginas do periódico para que o anônimo se identificasse.

A discrição foi outro ensinamento que veio de casa. Em terra de turcos, armênios caminhavam sempre pisando em ovos. Ou, nas palavras de Hopar, “se você sabe andar na neve sem deixar rastro, ande. Se não sabe, melhor ficar parado”.

---

<sup>19</sup> Referência ao mar

<sup>20</sup> Significa tempo

<sup>21</sup> Santur é um instrumento musical

A Istambul de Hopar e sua família naqueles primeiros anos do século XX são decisivos para uma história que só está começando.

## II - Istambul e os turcos

O cenário é a recém nomeada Istambul, antiga Constantinopla, parte de uma Turquia dividida com a derrota na Primeira Grande Guerra e marcada pelo derramamento de sangue do Genocídio cuja autoria jamais foi reconhecida.

Em 1918, o Império Otomano assinou a rendição na I Guerra, no Armistício de Mudros, desmembrando seu território. A Inglaterra ficou com o Egito, a Mesopotâmia e a Palestina; a França com a Síria e o Líbano e a Itália com a Antália. Constantinopla foi ocupada por tropas britânicas e francesas e as fortalezas do Bósforo e de Dardanelos foram ocupadas pelos aliados.

Isso fez da cidade, após o Genocídio, um local estratégico para a diáspora de barco com destino a Marselha, Buenos Aires e Nova York, em partidas organizadas pela Igreja Apostólica Armênia e outras instituições. Quase um milhão de armênios vivia na cidade. Uma parte, acabou permanecendo, por terem famílias e negócios estabelecidos. Vahak Ibranyan conta que “o mundo acreditava que Constantinopla se tornaria uma cidade internacional”.

Os Ibranyan vieram de Egin, pequena cidade que agora se chama Kemaliye e está localizada na província de Erzincan, território que fazia parte da antiga Armênia. Hoje a cidade é um importante centro de turismo ecológico, com águas selvagens, canoagem e montanhismo. No início do século, era uma região rural, com grandes propriedades nas mãos da população armênia.

Na fuga do genocídio, Vahak conta que seu pai foi salvo por um moleiro turco vizinho quando se escondia no topo de uma árvore, onde permaneceu por dias. O turco o escondeu em casa, mesmo

arriscando a própria vida. A exemplo do que acontecia entre os Agopyan, a família Ibranyan também não dividia as histórias desse período com os mais jovens. Por isso, a geração de Ara e Vahak guarda poucos registros sobre a fuga de ambas as famílias.

“Acho que minha família se salvou por meio de missionários estrangeiros que foram muito ativos na área depois do massacre”, relata Vahak. Sua tia Takuhi, mãe de Ara, foi levada para Síria, em Damasco, e depois para Istambul. “Como foi? Quão difícil? Quem foi o responsável por tudo isso? Não sei. Já perguntei mais de uma vez, mas esses temas sempre foram tabu,” relata Vahak.

Em 1919, tem início a Guerra de Independência da Turquia, com os nacionalistas turcos sob o comando do coronel Mustafa Kemal, em ataques contra os invasores europeus. Em troca da entrega dos territórios do Cáucaso, incluindo a Armênia, Lênin arma os turcos até os dentes: foram 60 peças de artilharia Krupp, 700 mil granadas, 10 mil minas, um milhão de fuzis russos e 250 mil baionetas.

Em outubro de 1923, Mustafa Kemal proclama a República da Turquia pondo fim ao Império e tornando-se presidente, tentando aproximar seu País da cultura ocidental. Kemal romanizou o alfabeto turco e promoveu reformas administrativas e educacionais. Por isso, ganhou o apelido de Atatürk (Pai dos Turcos).

## **II.1 A vida de um Armênio no coração da Turquia**

Agora sim é possível começar a história a partir de onde a maior parte das narrativas se iniciam. Ara Agopyan nasceu em 15 de março 1932, em um hospital de Istambul.

Apesar das mudanças promovidas por Atatürk, as teses eugênicas (defendendo a ideia de supremacia étnica) cresciam em todo

mundo, sobretudo na Alemanha, também derrotada na I Guerra. Em 1933, Adolf Hitler alcança o posto de Chanceler alemão com o terrível exemplo do genocídio armênio que, como atestam muitos historiadores, inspirou o Holocausto Nazista.

A Istambul da infância de Ara Agopyan era um misto de dúvida e esperança. A dúvida repousava sobre qual seria o alinhamento daquele País diante da nova ordem – se continuaria próxima da Alemanha ou se uniria com os aliados. A esperança era de poder viver sem a violência característica das investidas turcas.

As minorias estigmatizadas - armênios, judeus e gregos – se uniam na defesa das suas culturas e modos de vida. Escolas, negócios e relações sociais se dividiam sobre um mesmo território. Os muçulmanos com seus véus e mesquitas de um lado e as crenças judaico-cristãs de outro. Duas línguas, dois alfabetos, três religiões, enfim, um caldeirão sempre quente e prestes a explodir.

O sobrado da rua Suleyman Nazif Sokak, número 39, do bairro Pangalti, é a mais longínqua lembrança de Ara Agopyan. Esse é o primeiro endereço da sua família em Istambul. No número 45, estavam os Ibranyan, a família que trouxe Takuhi pra a vida de Hopar. Ainda na mesma rua, a escola onde aquele jovem aprenderia suas primeiras letras.

O jovem Ara foi estudar em um colégio dos mais tradicionais e importantes daqueles dias, a Escola Mekhitarian. A congregação beneditina foi fundada em Constantinopla, em 1701, pelo padre armênio Mekhitar Petrosian de Sivas. Expulsos de Constantinopla em 1703, os Mekhitaristas se estabeleceram em 1717 na ilha de San Lazzaro, em Veneza. Em 1772, um grupo de dissidentes deixou Veneza para Trieste, estabelecendo um ramo separado da ordem em Viena, na Áustria.

Os Mekhitaristas vienenses são missionários ativos. Eles trabalharam entre os armênios sob o Império Austro-Húngaro e estabeleceram paróquias em Budapeste, Cambridge (Massachusetts) e Los Angeles. Sua casa-mãe em Viena incorpora uma escola, biblioteca, museu de arte armênia antiga e uma editora. Ara e sua esposa, Rosa, chegaram a visitar o local. Os religiosos também administram faculdades em Istambul e Beirute.

“Éramos em 29 alunos na sala. Terminamos o último ciclo com cerca de 10 colegas. Meu número era 80. E assim fiquei conhecido por todos.” O colega Michel Mikaelyan, número um, certo dia trouxe um despertador junto com seu material. “Combinou conosco que iria disparar o relógio durante a aula de Literatura Turca. E todos teriam de levantar, como se a aula tivesse sido encerrada”. E assim fizeram!

Quando o diretor, que era “uma casca de ferida”, encontrou o professor fora da sala no horário de aula, a brincadeira foi desvendada. Coube ao professor de Química interrogar a sala para descobrir quem tinha disparado a campainha. Já desconfiavam de Mikaelyan, “mas como era filho de um homem muito rico, não pressionaram o garoto”. Resultado, Ara foi posto na parede.

“Eu disse ao professor que tinha ouvido o sinal, mas que era difícil identificar de onde veio. Pedi uns três dias para tentar ‘descobrir’ quem teria disparado. O professor morreu anos mais tarde no Canadá sem saber que o Mikaelyan foi o responsável pela bagunça. Dedurar? Jamais!”, conta Ara.

A rotina da escola terminava a noite, em casa, com Hobar reforçando os estudos dos filhos principalmente nas áreas de línguas e literatura. Não à toa, quando se formou, Ara dominava fluentemente o Armênio e o Turco, tinha noções de grego e



alemão<sup>22</sup>, além de conhecimentos de gramática em inglês e francês – o que lhe valeria muito, anos mais tarde, quando deixaria Istambul, rumo à França.

Foram 11 anos de estudos, nos três ciclos. A primeira escola durava cinco anos, seguida de dois ciclos com três anos cada, correspondentes ao ensino fundamental e médio do Brasil. No último ano, os estudantes se dividiam. De um lado, a classe voltada para a literatura e as humanidades<sup>23</sup> e, de outro, o ensino mais focado nas ciências exatas e naturais<sup>24</sup>.

Mas a escola não era apenas estudo e disciplina. Meninos são meninos em qualquer época e qualquer lugar do mundo. As brincadeiras e bagunças também. As bolinhas de gude, brinquedo barato e divertido, fizeram parte da infância de Ara. “Joguei 500 bolinhas na sala durante uma aula de álgebra. O professor ficou maluco”, conta.

Anos depois, Ara encontraria os amigos de escola em um jantar. Perto de 18 colegas se encontraram em Istambul, em 1957. Antes de iniciar a refeição, em silêncio, rezaram pelo colega Onnik Fidjian, o primeiro dos 29 a falecer com um câncer violento.

## **II.II Agopyan e Ibranyan**

Nesse período, os Ibranyan e os Agopyan – vizinhos e primos - dividiram alegrias e tristezas. Entre os melhores momentos estão as visitas às ilhas de Istambul, no distrito de Adalar. É um conjunto de quatro ilhas grandes (Büyükada, Heybeliada, Burgazadası e

---

<sup>22</sup> “Achtung: hat eine kleine Katze”, foi a primeira frase que aprendeu em alemão. Significa: atenção: tem um gato pequeno.

<sup>23</sup> A classe Edebiat - literatura

<sup>24</sup> A classe Fen - ciência

Kinaliada<sup>25</sup>) e cinco menores (Sedef Adası, Yassıada, Sivriada, Kaşık Adası e Tavşan Adası) do mar de Mármara, a pouco mais de 4 km da costa asiática.

As ilhas são balneários de grande potencial turístico. Ara se recorda com carinho dos banhos de mar e jogos de basquete – esporte que marca a vida dessa família – assunto que será em breve detalhado em um capítulo dedicado ao esporte.

Nas férias, Ara também se lembra das suas primeiras experiências no comércio de Istambul<sup>26</sup>. Em uma loja de tecidos, o dono do estabelecimento mandou Ara imprimir com papel e ferro de passar uma marca na auréola dos rolos de tecido. Quando viu o que estava carimbando, o garoto se surpreendeu notando que o produto estava sendo falsificado com a inscrição: Made in Tchecoslováquia.

Na mesma loja, um balconista judeu pregou-lhe uma peça. Pediu que ele perguntasse ao vendedor de melancias que estava na porta se ele comia coelhos. O fato é que o vendedor era um muçulmano turco que seguia à risca as regras de alimentação. Coelhos são ruminantes que não tem os cascos divididos e, por isso, não podem ser consumidos.

Resultado: “Ele puxou um facão e correu atrás de mim. Queria me matar. Ainda bem que sempre tive boas pernas e me salvei”, conta Ara.

Entre os momentos tristes, Ara se recorda, em 1939, quando o exército turco recrutou 20 classes, pessoas de 18 a 38 anos, todos integrantes das minorias (armênios, judeus e gregos). Fardas sim,

---

<sup>25</sup> O sufixo Ada, em turco, significa ilha.

<sup>26</sup> Na verdade, era Hopar quem pagava seus salários, para ensinar ao filho o valor do trabalho em estabelecimentos de amigos e conhecidos.

armas não. Os convocados eram levados para campos de trabalho em regime de quase escravidão. Entre eles, Varham Ibranyam que se escondeu na casa dos Agopyan para não ser encontrado pelos oficiais. “Para não levantar suspeitas da vizinhança, ele era obrigado a tossir numa garrafa de gargalo largo que abafava o som,” conta Ara.

O amparo recebido por Varham seria retribuído anos depois naquele que é um dos episódios mais tristes dessa história. Mal sabiam os Agopyan mas, em pouco tempo, seriam eles a ocupar o andar superior da casa dos primos no número 45 da rua Suleyman Nazif Sokak.

Os negócios da comunidade armênia negavam qualquer tentativa de caracterizar aquele povo como menos qualificado ou inferior, como tentavam fazer os turcos. Hopar era um bom exemplo. Prosperava como representante de medicamentos, com sua empresa, uma sociedade firmada ele, outro armênio e um grego. Representavam na Turquia a companhia suíça, Roche.

O pai de Ara deixou o sobradinho tímido de Pangalti e levou sua família para uma bela casa de três pavimentos no bairro de Bomonti, construída por italianos. “Era um sobrado enorme, de face norte, com dois vidros e duas persianas na entrada, para proteger a casa do rigoroso inverno de Istambul, ” recorda Ara que, na época, tinha perto de nove anos de idade.

A casa tinha um átrio de entrada que levava à uma ampla sala de estar e dois quartos no fundos. E esse era apenas o térreo. Para o casamento da irmã de Ara, Anahit<sup>27</sup>, com Diran Hampar, as portas

---

<sup>27</sup> Anahit era filha do primeiro casamento de Hopar. O nome Anahit vem de uma deusa da mitologia armênia, antes da adoção do Cristianismo.

foram removidas fazendo desse local um grande salão. Aquela seria a primeira e única comemoração que aconteceu nessa casa e está entre as melhores lembranças da infância dos primos.

“Esse casamento é uma das minhas lembranças indelévels aos meus quatro ou cinco anos de idade”, recorda Vahak. Os irmãos do noivo, soldados americanos baseados na Alemanha, tocavam canções folclóricas com violões e emocionaram a todos.

Outros armênios, turcos e gregos também faziam parte de uma elite econômica com empreendimentos comerciais e imobiliários. Trabalhadores obsessivos, comerciantes natos e dotados de habilidades raras entre os turcos, as minorias faziam a economia daquele país rodar, mesmo nos primeiros anos da II Grande Guerra.

O Governo turco, que manteve a neutralidade diante do conflito quase até 1945, via no patrimônio das minorias uma forma de preparar a República para o ingresso no front, fosse ao lado dos aliados ou das potências do eixo. Foi assim, que surgiu um dos mais severos golpes fiscais da história da humanidade: o Varlik Vergisi.

### **II.III O Varlik Vergisi e o exílio de Hopar**

O dia é 11 de novembro de 1942. O parlamento turco aprova o mais predador imposto que um povo já foi obrigado a pagar. Um verdadeiro assalto em forma de tributo que soterrou um caminho

---

Fazia parte da trindade dos deuses principais, junto com Nané e Astghik. Os armênios politeístas faziam inclusive um festival para homenagear a deusa, evento que foi substituído, após a adoção do cristianismo, pela festa da Transfiguração de Cristo.

de prosperidade honestamente construído por armênios, gregos e judeus durante as décadas que sucederam o genocídio.

O imposto deveria ser pago por todos os cidadãos da Turquia, mas taxas excessivamente altas foram impostas aos habitantes não-muçulmanos do país, de maneira arbitrária e predatória. Foi uma destruição da promissora classe de comerciantes não muçulmanos na Turquia, como Hobar. Muitos suicídios foram registrados à época. Vahak resume o que os armênios viveram:

“Se eles ganhassem, digamos 10.000 por ano, o imposto seria de 15.000, se eles ganhassem 50.000 seriam tributados por 60.000. O plano era obter tudo o que pudessem casas, negócios, dinheiro”, explica Vahak que, assim como Ara, testemunhou aquele violento processo de nacionalização turca da riqueza armênia.

Hobar quando recebeu a notícia do imposto ainda não tinha dado conta da sua gravidade. Pediu a um empregado que levantasse o débito para que fosse pago o mais rápido possível. Quando descobriu que devia praticamente o capital acumulado da sua empresa, não acreditou e mandou o funcionário de volta, conferir o que estava dizendo. E era verdade!

Se o imposto em si não fosse suficientemente cruel, sua forma de cobrança ainda era mais terrível. Sem possibilidade de contestação judicial, os não-muçulmanos tiveram que pagar o tributo em um prazo de ridículos 15 dias.

Emocionado, Ara narra os fatos que atingiram o coração da família Agopyan naquele fatídico 1942:

Cheguei em casa, abri a porta e entrei. As duas portas seguintes estavam fechadas com um lacre vermelho.

Éramos em sete. Deixaram sete cadeiras e uma mesa para a família almoçar e jantar. Todo o resto ficou preso no salão. Confiscado! Inclusive a própria casa.

Os Agopyan tiveram cerca de três meses para deixar o imóvel. Nesse período, a casa foi vendida para uma outra família. “Ao contrário dos turcos de Istambul, esses eram loiros de olhos azuis, feições comuns da região de origem”, recorda Ara. Eram da etnia Laz ou Lazes.

Os Lazes da Turquia formam dois grupos. Um nativo da região de Rize e Artvin. O outro é constituído por lazes que fugiram à expansão russa do século XIX e se fixaram em Adapazarı, Sapanca, Yalova e Bursa. Como era comum aos turcos do interior, a família Laz que comprou a casa dos Agopyan era especialmente mal educada.

Ara lembra de ouvir o filho xingar a própria mãe enquanto pedia comida. Ele também conta que um gato de estimação ficou preso junto com a mobília e miava, faminto que estava. “Peguei uma tampa de conserva e, de um lado, colocava leite, do outro, água e passava por debaixo da porta”, conta Ara.

Mas o pior ainda estava por vir. Os donos das empresas que não conseguiram pagar os impostos com os seus bens recebiam como pena o exílio para Ashkalé, região fria e inóspita, onde eram submetidos a trabalhos braçais, no leste da Anatólia.

O pai, o mentor, o ídolo, o líder da família e a uma das figuras mais populares entre os armênios de Istambul seguiu para o exílio. O jovem Ara viu Hopar partir, ao lado de milhares de chefes de família armênios, com poucas esperanças de um retorno com vida.

Os trabalhadores eram pagos por seus serviços, mas metade de seus salários era usada como pagamento dos impostos. Por causa do trabalho árduo, os devedores idosos conspiraram com os jovens moradores da região para fazê-los trabalhar e, em troca, pagavam os salários diários.

Cinco mil não-muçulmanos foram exilados. Armênios idosos e até doentes foram enviados para os campos de trabalho. Ara lembra de testemunhar pessoas partirem sobre cadeiras de rodas. Já os poucos devedores muçulmanos que não pagaram o imposto (com alíquotas muito mais baixas e facilidade de pagamento) receberam sentenças as mais leves.

O horror era ainda maior levando em conta o avanço Nazista. Se Hitler e seus homens conseguissem marchar sobre a Rússia, a expectativa dos armênios era que um segundo Genocídio atingiria os exilados. Mas a batalha de Stalingrado fechou as portas para os alemães e a Turquia não avançou contra seus prisioneiros.

Vahak acrescenta que “o verdadeiro propósito era matar todos eles” e reconhece que a derrota dos nazistas foi a salvação dos exilados. Seu pai não foi alcançado pelo tributo, mas aquele que viria a ser seu sogro, Arsavir Yerecyan, foi enviado para outro campo.

Agora era a vez dos Ibranyan abrirem a casa para os Agopyan. Novamente na rua Suleyman Nazif Sokak, os cinco moradores do número 45 receberam os Agopyan no andar de cima da casa, formando uma grande família de onze pessoas. Tempos de dividir e resistir, como conta Vahak:

“Meus pais abriram nossa casa e as duas famílias começaram a viver juntas. Meu pai amava muito a irmã e a

família dela. A casa era cheia até a borda. Nós nos divertimos muito. Não me lembro de nenhuma briga ou discussão em todo esse tempo. A casa não era pequena, mas dormíamos em três ou quatro por cômodo, incluindo a sala de estar.”

Ara também se recorda que “pela manhã tocava a corneta para acordar a tropa”. A união entre as duas famílias ficou ainda mais firme. O jovem Ara se tornaria uma espécie de ídolo para Vahak que, como ele, anos mais tarde deixaria Istambul em busca de uma vida melhor para filhos e netos.

A vida de luxo na casa de três andares deu lugar a um momento de dificuldades profundas. As roupas e uniformes escolares ganharam reforços nos cotovelos e joelhos, para evitar o desgaste. Tudo era mais difícil e o dinheiro muito, muito curto. Na ausência de Hopar, Takuhi manteve a família como uma heroína.

Entre muitas artimanhas para garantir o sustento dos filhos, a mãe escondia tapetes nos poços artesianos para escondê-los dos turcos e depois os vendia. Nos tubos de metal das camas, Takuhi guardava moedas de ouro que escaparam do confisco. “Graças à minha mãe nunca faltou comida e uma casa limpa para todos nós”.

Varham passou a fabricar grampos de cabelo mas, com a guerra em andamento, o metal, normalmente importado da Alemanha, não chegava à Turquia. A alternativa foi extrair fios metálicos de cordas usadas para atracar navios, vendidas na região portuária. “Lembro de ajudar meu tio para separar o metal da corda”, narra Ara.

Toda a colônia sofreu muito após o famigerado imposto. Muitas pessoas que foram enviadas para os campos de trabalho morreram ali e o governo turco usurpou suas riquezas e heranças vendidas



para muçulmanos a preços extremamente baixos, abrindo caminho para a criação de alguns dos contemporâneos conglomerados empresariais turcos.

Onze meses se passaram e Hopar retornou do exílio. “Eu não reconhecia meu pai”, afirma Ara diante da figura que se apresentava depois daquele terrível período. Estava magro e envelhecido, com a pele toda queimada pelo inverno de Ashkalé. Pouco restava, em aparência, daquele homem charmoso e elegante de outrora.

A primeira providência determinada por Hopar foi enterrar nos jardins de casa livros de conteúdo nacionalista e até revolucionário que estavam guardados para, assim, evitar novas perseguições.

O empresário retomou seu trabalho no mercado de produtos farmacêuticos agora como empregado, no laboratório Biofarma, de propriedade turca. A família seguiu para uma casa alugada na rua Safak Sokak, número 83, que não se aproximava do luxo e da residência roubada pelo Governo.

Com a derrota alemã, as escolas de Istambul trocaram o alemão pelo inglês, em um ascenso à nova potência que se erguia na América do Norte. Entre os colegas de Ara, muitos tiveram parentes que perderam a vida no exílio. A rotina da comunidade jamais seria a mesma depois daquele 1942. Aos poucos, ficava claro que a vida das minorias em Istambul seguiria imprevisível diante da ameaça turca constante.

### III – O basquete na vida de Ara Agopyan

O basquetebol foi criado em 1891 pelo professor de Educação Física canadense James Naismith (1861-1940), da Associação Cristã de Moços de Springfield, Massachusetts, nos Estados Unidos. Não demorou para que o esporte chegasse à Turquia.

O basquete foi jogado pela primeira vez no País de Ara Agopyan, em 1904, no Robert College, a mais antiga escola norte-americana funcionando fora dos EUA, no distrito de Beşiktaş, em Istambul. Sete anos mais tarde, Ahmet Robenson, um professor do Galatasaray High School decidiu introduzir o esporte entre os seus alunos.

Até o final de 1966, as competições de basquetebol eram locais e disputadas em grandes cidades como Istambul, Ancara e Esmirna. A Liga Nacional foi fundada em 1966 pela Federação Turca de Basquetebol, e começou na temporada 1966-67. A Segunda Divisão da Liga Turca foi fundada três anos mais tarde.

Para Ara Agopyan, o basquete começou pelas mãos do amigo Garo<sup>28</sup> Kalenderyan que descobriu uma tabela na Ilha de Kinali Ada<sup>29</sup>, local de diversão e prática esportiva. “Também havia na ilha um campo de futebol. E tinha aquela cesta. Meu amigo descobriu que os gregos iriam roubá-la”, conta Ara.

---

<sup>28</sup> diminutivo de Garabed – nome armênio muito comum.

<sup>29</sup> Também conhecida como Ilha Hena, em referência à coloração de cor de cobre de suas areias, marcadas pela extração de minério, que remete à planta usada para tatuagens na pele.

Para evitar o roubo, o próprio Garo arrancou a tabela da ilha e levou o equipamento para a escola. “Em princípio, sem uma bola apropriada, jogávamos pedras para ver se conseguíamos acertar”, lembra Ara.

Pouco tempo depois, os jovens começaram a treinar no clube Kurtuluş<sup>30</sup>, que contava com um ótimo técnico iugoslavo, também pivô do time, de nome Anjus. Ara e os quatro gregos da equipe conquistaram o campeonato na categoria de juniores. No ano seguinte, o jovem de 1,85 m de altura e 74 kg foi alçado ao time principal.

Hopar não concordava com a prática esportiva. O pai se apoiava nos judeus que entendiam que o esporte era saudável para o corpo mas não para a mente. “Atletas tem corpos fortes, mas cabeça fraca”, dizia o pai para os seus filhos.

Em segredo, Takuhi apoiava Ara. Ela mesma tinha praticado uma versão de bola ao cesto, específica para mulheres. A mãe aprendeu a jogar no colégio americano onde estudou. Era chamado de basquete parado – uma adaptação das regras do jogo recém-criado.

A surpresa ocorreu quando o técnico esteve pessoalmente na casa dos Agopyan para anunciar que Ara havia sido convocado para a seleção nacional, com jogos previstos na Itália. Na última hora, sua convocação foi suspensa sob o pretexto de que o atleta não havia prestado serviço militar. “Era mentira. Me deixaram de fora porque eu era armênio”, constata.

Mas não seria o exército que iria separar Ara do seu esporte predileto. Pelo contrário. Quando se alistou, logo formou um time

---

<sup>30</sup> Palavra significa Salvação

que na camisa trazia o nome: Yedek Subay Okulu ou, em português, Escola de Formação de Oficiais da Reserva, da capital turca.

Em um dos jogos nessa Academia militar das mais tradicionais, o jovem Ara pediu um tempo. Nenhuma orientação tática! Apenas a constatação:

- Vocês perceberam que não tem nenhum turco entre nós?  
– questionou o atleta.

Eram dois armênios, dois judeus e dois gregos que ganhavam fácil em todas as competições internas. “A turma de Ankara parecia jogar com um coco verde”, brinca o artilheiro.

Uma das partes boas de jogar durante o serviço militar era porque, sem farda, de shorts e camisetas não havia distinção de patentes. Os oficiais de carreira tinham outro time no qual jogava um capitão muito alto e forte. Ara fazia questão de marcar o superior e, vez por outra, passar a mão no seu traseiro para tirá-lo do sério sem que pudesse reagir.

Com o fim do serviço militar, um período cheio de aventuras que o leitor poderá conhecer no próximo capítulo, Ara retornou às cestas no time grego de Istambul. “Meu time era dos pobres e tinha também o time dos gregos ricos”. Vez ou outra se enfrentavam.

Normalmente, o embate se dava na Faculdade de Engenharia de Istambul, dotada de um belo ginásio com um mezanino que reunia os torcedores de cada equipe. Aos sábados, os pobres não atraíam seguidores, quase todos trabalhando. Já aos domingos eles compareciam em massa, inclusive os lutadores do clube, de meter medo em qualquer time.

Mas era sábado, o jogo estava perdido, e um grego resolveu agredir Garo. O agressor iria atacar o armênio pelas costas não fosse a intervenção de Ara com um pontapé. A confusão estava generalizada. Já no vestiário, Garo chorava prevendo que só sairia do Ginásio, debaixo de muita pancada.

“Percebi que havia ali alguns tamancos turcos. Eram placas de madeira maciça. Tive uma ideia”, conta Ara que armou a si e seu amigo com os calçados como se fossem luvas. Partiram para cima dos gregos distribuindo sapatadas. A confusão terminou na delegacia com quatro gregos ensanguentados e os dois armênios, bem menos machucados.

“Disse ao Garo para torcer o pescoço e fazer cara de coitado”, conta Ara que logo percebeu que poderia se safar daquela situação insólita. Quando o policial viu a cena jamais acreditou que os dois seriam os responsáveis por tamanha agressão. Impaciente, o homem da lei encerrou a discussão.

- Agora, Garo, vamos sair daqui e pegar o primeiro bonde. Nem quero saber para onde vai – ordenou Ara e assim seguiram.

Confusões a parte, a vida e o basquete em Istambul era cercada de amigos e companheiros de vida, armênios, na sua maioria, mas também muitos gregos e judeus. Nem sempre a vida de Ara seria assim cercada de gente querida.

Sua última aventura foi num clube armênio que estava na segunda divisão e, com o talento de Ara, a equipe alcançou a divisão de elite do basquete turco.

Foi quando deixou Istambul, anos mais tarde, que Ara descobriu no basquete uma forma de construir pontes na direção de novas amizades, fugindo da solidão que só os imigrantes, longe do seu povo, conhecem completamente.

### **III.I – Federação sindical**

Logo ao chegar em Paris, a filha de um padre<sup>31</sup> indicou um time para praticar o esporte. Nada melhor que uma quadra para começar sua rede de amigos mesmo sem partilhar o idioma e os costumes.

O basquete francês tinha duas federações, uma civil e outra sindical. O time no qual aquela moça jogava era ligado ao sindicato e pertencia à empresa Snecma <sup>32</sup>(*Société Nationale d'Étude et de Construction de Moteurs d'Aviation*) gigante da área de aviação.

Ara chegou a viajar com a equipe. Durante o percurso, os atletas dividiam garrafas de vinho escondidas. Cada um tinha direito a três goles, medidos pelo movimento do pomo de adão das suas gargantas.

Um dos colegas de time, foi o único francês que convidou Ara para jantar enquanto vivia em Paris. Na Turquia, havia um ditado que dizia que um café oferecido valia 40 anos de gratidão. Dito e feito.

---

<sup>31</sup> Padres da Igreja Apostólica Armênia não são celibatários e podem se casar

<sup>32</sup> foi uma das maiores empresas aeroespaciais do mundo, até fundir-se com a SAGEM para formar a Safran. O principal motor da empresa é o CFM56, fruto de uma parceria com a General Electric. A parceria se repetiu nas turbinas General Electric CF6-80 e na GE90. A SNCMA também esteve envolvida na década de 1960 com o desenvolvimento, em parceria com a Rolls-Royce, dos motores do Concorde.

Em um jogo da equipe, Ara enfrentou o time adversário inteiro, sozinho, em uma briga.

- Nunca apanhei tanto na minha vida – recorda Ara.

O armênio chegou a ser asfixiado por um francês. Só se livrou do enforcamento com um chute nos testículos do adversário. Por uma semana teve dores na garganta e passou tomando sopa. Seus companheiros de equipe fugiram da briga.

Por cinco anos, Ara tentou conseguir, além da vaga no time, um emprego na Snecma, sem sucesso. Os franceses, protecionistas como eram jamais permitiriam um armênio em uma empresa daquelas.

### **III.II – Praia Clube**

O que haveria em comum entre a ‘cidade Luz’<sup>33</sup>, capital cultural do planeta e a provinciana cidade do Triângulo Mineiro? A resposta estava entre linhas e tabelas de um time de basquete. O basquete também acompanhou Ara em Uberlândia.

O Praia clube era a principal atração da cidade. O time de basquete tinha, entre seus destaques, o pivô Pico<sup>34</sup>, dentista com 1,90 m de altura, que tornou-se um dos melhores amigos de Ara na cidade.

Em um jantar na casa do cunhado do atleta, foi servido um frango delicioso, feito especialmente para a ocasião. Ara devorou as coxas do bicho, sem saber que aquela parte do prato era a predileta do rapaz.

---

<sup>33</sup> Apelido da capital francesa

<sup>34</sup> O amigo faleceu vítima de um câncer no cérebro.

O Praia clube ganhou várias competições na região, mas não conseguia superar as equipes da capital mineira, Belo Horizonte. Quando viajavam para competir, desconfortavelmente em uma kombi, voltavam sem vitórias.

O amor pelo esporte também virou herança. Seus filhos Ara e Marcelo seguiram o caminho das cestas. Como diretor de esportes do Clube Armênio em São Paulo, o pai tentou levar uma equipe adiante, sem sucesso.

Descobriu então a Ugab (União Geral Armênia de Beneficência) e seus filhos se integraram a essa importante instituição por meio do basquete. Foi lá que o primogênito conheceu sua esposa, comprovando que o esporte une e reúne aqueles que se amam.

A última aventura de Ara Agopyan no basquete foi no clube da ACM (Associação Cristã de Moços), na região central da cidade, com um time de veteranos entre 45 e 55 anos. Não fosse uma contusão no joelho, jamais abandonaria as quadras.

Não há uma história, uma fase da vida, um lugar ou grupo de amigos de Ara que, de algum modo, não esteja relacionado ao basquete: “foi uma benção na minha vida”, define.



## IV – O serviço militar

Pai protetor e firme, intelectual e homem das letras e do conhecimento, Hopar queria ver o filho no mesmo caminho. Era contra a prática esportiva e também decretou assunto encerrado quando Ara cogitou comprar seu objeto de desejo, uma moto Harley Davidson.

Na Turquia, o serviço militar era obrigatório, entretanto seria possível cumprir com essa tarefa depois de concluir um curso superior. E estava tudo certo para que isso ocorresse. Ara tinha conquistado uma vaga na Universidade, mas decidiu dar outro rumo para sua história.

“Quer seu filhinho sempre por perto, só pra você? Então vou virar o jogo”, declarou o jovem numa clara atitude de antagonismo em relação ao pai. Ara trancou a matrícula no seu curso superior e alistou-se no exército.

Como tinha concluído o que hoje equivale ao ensino médio, após 11 anos de estudos em um dos mais conceituados colégios armênios de Istambul, Ara prestaria serviço em uma Academia de formação de oficiais da reserva do Exército turco – hoje destinada apenas aos egressos do curso superior.

O suntuoso prédio da capital Ancara, abrigava a Academia Militar Turca (TMA), instituição fundada em 1834, em Constantinopla, pelo sultão Mahmut II. Em 1920, a TMA foi transferida para Ancara, na Mansão Abidin Pasha e, a partir de 1936, a escola se instalou no suntuoso prédio construído por alemães, onde funciona até hoje, em uma colina a 1800 metros de altitude.

Essa escola formou figuras históricas do jogo de poder na Turquia, entre os quais o próprio Mustafa Kemal Atatürk, herói da independência, que recebeu o número 1283 na lapela do seu uniforme, em 1889.

Foi lá que Ara Agopyan viveu momentos marcantes, amizades de uma vida, perigos, brigas e conflitos típicos da tensão entre os turcos e as minorias em um ambiente onde o patriotismo se dividia entre culturas antagônicas sob uma mesma bandeira, uma mesma farda.

A TMA recebia anualmente duas turmas: uma no verão e outra no inverno. No total, eram 11 grupos com cerca de 100 soldados cada. Os cadetes respondiam um questionário para que fossem classificados por áreas de serviço - exército, cavalaria, transporte, etc.

Em seis meses de formação como sub oficiais, os jovens aprendiam a manejar cada arma disponível, desde dos revólveres e pistolas, passando pelos rifles e metralhadoras, granadas, até canhões de 21 milímetros.

“Tínhamos que montar em um minuto e meio uma metralhadora. Se uma mola fosse colocada de forma errada, a arma podia disparar na barriga do militar”, conta Ara que se destacou entre os seus pares no manejo do armamento.

O ano era 1952 que passou para a história por ter um dos mais rigorosos invernos de todo o século XX. O rio Danúbio congelou e as temperaturas beiravam os 30 graus negativos. Houve quem tentou atravessar o Bósforo pisando sobre o gelo.

Uma das atribuições dos alunos era uma ronda na madrugada no quarteirão da própria escola, pelo lado de fora. Ao sair, os cadetes recebiam uma senha como salvo-conduto para ir e vir naquela missão congelante, cumprida com um fuzil sem munição.

“Estava com um colega e seguimos até os fundos do prédio, onde ficava a cozinha”, conta Ara. Eles buscavam um vidro quebrado por onde saía um vapor para esquentar as mãos. O caso é que o vapor acabava por atingir o rosto e eles tiveram que resistir ao frio na raça e sem luvas, para que as mãos não grudassem no cano das armas também congeladas.

Foi nessa patrulha desconfortável que surgiu uma figura caminhando em direção à Academia. Longe do centro de Ancara, não havia ali nada além do prédio e, por isso, aqueles que trafegavam naquela área, muito provavelmente, eram ligados ao exército.

“Vamos pegar aquele cara”, sugeriu Ara, suspeitando que o sujeito havia escapado do quartel para alguma aventura na cidade. Pediram a senha da noite e nada. “Não é que o meu colega queria meter a baioneta na barriga do sujeito?”, comenta, espantado com a falta de critério do colega.

Seguiram o três para a delegacia. O sujeito foi logo dispensado. “Era turco e jamais ficaria preso por isso. Se fosse armênio, ía ver só”, observa Ara.

Tempos depois, em um domingo, Ara estava passeando em Ancara, em trajes militares para evitar o desgaste de suas roupas civis. “Acho que bebi um pouco demais”, constata. No caminho, cruzou um oficial e bateu uma continência com a mão cobrindo a testa, irregularmente.

O oficial anotou o número do cadete que ficava na sua lapela: 771. “No dia seguinte, fui detido e puxei dois dias de cadeia pela falta”. Para os armênios não havia desculpas. Tinham que andar na linha!

#### **IV.1 - Um banho inesquecível**

O conflito cultural estava presente em cada momento vivido na Academia. No primeiro banho que tomou no vestiário dos cadetes, observou que os turcos só tiravam a cueca com a toalha enrolada na cintura.

“Eu prestava muito atenção à minha volta. Um armênio, num ambiente turco, tem que ser muito atento, muito malandro”, comenta Ara que repetiu o gesto e seguiu para o banho. Foi quando sentiu algo estranho, um clima pesado no ar.

Chegou inclusive a comentar com o amigo Arman Manukyan:

- Preste atenção e não ande por aí, sozinho! Tem algo estranho acontecendo – denunciou.

Dito e feito. Um cadete turco procurou Ara e pediu que saíssem do prédio para uma conversa. “Lá fora, era Deus em cima e nós embaixo”, comenta Ara, reforçando a gravidade do momento. Segundo o colega, Arman não respeitou o hábito dos turcos e tirou sua cueca às vistas de todos. O que para os armênios era comum, para os turcos significava uma grave ofensa:

- Seu amigo queria mostrar o sexo para nós? – questionou o turco.

Os colegas muçulmanos estavam prestes a espancar os armênios. Ara acabaria apanhando também porque era amigo daquele que

exibia sua intimidade no banheiro. Mas o colega turco teve o bom senso de explicar aos seus pares o que houve:

- Esses dois são atletas de Istambul, acostumados a se despir e tomar banho assim mesmo – contemporizou.

Aquele sujeito - dos poucos turcos que ajudaram Ara em toda uma vida - convenceu a turma a poupar os armênios sob a promessa de que jamais a cena se repetiria. Ara agradeceu e advertiu Arman:

- Se você fizer novamente, te mato antes dele. Eles não querem ver seu pinto e pronto.

#### **IV.II – 771 Gyavur**

Os não-turcos como Ara recebiam um apelido para diferenciar as minorias dos muçulmanos. Eram os Gyavur. Ara era o 771 Gyavur, combinação entre o número da lapela e a designação que acompanhava armênios, gregos e judeus, para diminuí-los frente ao grupo.

Mas não era tão simples assim. Os Gyavur, de um modo geral, eram mais instruídos e educados. Ara, por exemplo, recebeu a incumbência de cuidar do depósito de armamentos e munições do seu grupo. O oficial no comando revelou inclusive que escondia a chave do local sob o furador de papel.

Numa manhã, Ara organizou o local, limpou tudo e fez um inventário com os suprimentos, armas e munições ali depositados. Usou o que aprendera em uma loja onde trabalhou em Istambul. Em outras palavras, fez um controle de estoque, com campos de entrada e saída de materiais guardados, em um caderno.

Quando o capitão se deparou com aquele trabalho até então inédito, tomou o caderno e correu para os oficiais superiores. Imediatamente foi determinado que todos os grupos repetissem o procedimento. O problema é que ninguém sabia como fazer. Solução: o Gyavur 771 ensinou a todos.

E Ara não ensinava apenas organização. Perto de um colega de turma da seleção turca de futebol que lia um jornal pediu que cedesse a última página com palavras cruzadas, cujo hábito de preencher herdou do pai.

O turco estava praguejando sobre uma notícia publicada e perguntou o que o Gyavur achava da polêmica. Calmamente, Ara ponderou que era uma questão de opinião e cada um poderia pensar de um jeito.

- O sujeito começou a xingar e os turcos xingam muito, envolvendo a família, tudo entra no jogo – lembra Ara.

“Ele me deu um soco e eu dei outro. Eu feri o lábio e ele a sobrancelha”. Aos chutes, o major que estava dando aula apartou a briga e conduziu os dois a um capitão muito experiente, famoso por sua participação na Guerra da Coréia.

Três turcos chegaram antes e contaram versões desfavoráveis para Ara que, afinal, não tinha provocado a confusão. O oficial ouviu a todos e, em seguida, se dirigiu ao 771, ordenando que processasse seu colega pelo ocorrido.

- Capitão, vou desobedecer ao senhor pela primeira e última vez, mas não vou processar o rapaz! – disse o Gyavur.

O oficial esbravejou e tirou Ara da sala. Aquele armênio, filho de Hopar, jamais seria um dedo-duro. Deslealdade não estava entre

seus defeitos. Por desobedecer a seu superior Ara imaginou que seria punido, mas veio a surpresa: o capitão transferiu o jogador para o 12º Grupo e jamais trocou uma palavra sobre o incidente.

Outro Gyavur, dessa vez um major americano, bolou uma manobra fazendo com que os cadetes percorressem um trecho sob arames farpados enquanto outra turma desferia tiros de metralhadora sobre o limite, impedindo qualquer movimento que ultrapassasse o limite de altura. A manobra do major Gavur foi muito elogiado por todo oficialato, provando o talento dos não-muçulmanos.

#### **IV.III – Entre perus e carneiros**

Outro momento tenso na ATM era a refeição. Um local enorme com mesas de dez lugares. Os grãos eram o alimento mais frequente, principalmente a lentilha e o grão de bico, esse último apelidado de metralhadora graças ao poder de produzir gases.

As proteínas dependiam muito das regras da alimentação muçulmana: porco, nem pensar. Uma das principais atrações era o peru. Uma dessas aves entraria para a história da Academia. A turma da mesa de Ara, consumiu dois deles em uma só refeição.

A noite chegou e, já na cama de cima do beliche onde dormia, Ara sentiu uma pressão no abdome. “Caí com os pés nos sapatos e corri para o banheiro do meu andar. Tudo lotado e um cheiro terrível. No andar de baixo, a mesma coisa.”

O cadete não teve dúvida e praticamente invadiu um banheiro de oficiais de carreira com uma única cabine livre. Um militar bateu na porta violentamente pedindo que, “em nome do profeta”, Ara liberasse um cantinho para ele resolver seu problema intestinal.

A infecção foi generalizada. Mais de dois mil homens, contaminados ao mesmo tempo com uma grave diarreia. A Academia distribuiu comprimidos à base de sulfas e todas as manobras e treinamentos ficaram suspensas por uma semana.

Algum tempo depois, novamente um Peru na refeição, com um detalhe: um jogo de basquete no dia seguinte. Ara não teve dúvida, resgatou comprimidos que tinha guardado da primeira contaminação e tomou antes de comer.

Outras lembranças gastronômicas povoam esse tempo de serviço militar. Para vencer o frio, serviam um mel no fundo do prato com um queijo búlgaro, semelhante ao queijo mineiro, um pouco derretido. “Fazíamos uma pasta e comíamos. Aquilo aquecia até a alma”, recorda Ara.

Outra proteína comum era o carneiro. Os testículos do animal, grelhados e fatiados são uma iguaria. “Mande um estudante roubar uma cerveja dos oficiais e estava no chão da cozinha degustando aquela delícia quando o oficial entrou. Escondi a caneca imediatamente.”

- O que você está comendo? – perguntou.

- Testículos de carneiro – respondeu Ara.

- Mas isso é comida de oficiais! – repreendeu.

- Nossa, desculpe, não sabia – fingiu Ara que se livrou do crime maior, o roubo da cerveja.

#### **IV.IV - 771 formado**



Seis meses depois, com a aproximação da nova estação, Ara se formava como oficial da reserva do exército turco. Chegava a hora de designar os sub oficiais para áreas específicas e postos do exército.

Alguns lugares eram bons, como Adaná e Esmirna. Outros eram péssimos, como os postos próximos às fronteiras soviéticas. Em um saco com os números dos alunos estava a sorte do grupo. Qual não foi a surpresa do 771 quando descobriu que ficaria em Ancara, no sexto grupo do exército:

- Os turcos me xingavam. Não admitiam que um armênio ficasse na capital..

Já oficial, Ara fiscalizava as manobras os cadetes. As armas não eram as mais modernas. “Quando alguma falhava os alunos chamavam e nós concertávamos e orientávamos os cadetes. Depois, brincávamos com as armas e praticávamos tiro”, conta Ara.

Entre as funções dos recém empossados tenentes estava a compra da comida para os oficiais superiores. Ara comprou 600 quilos de quiabo para o almoço do dia seguinte. Era preciso limpar o legume, cortando sua cabeça – na Turquia só se come a ponta do quiabo.

O militar que guardava a porta da cozinha recrutou entre os soldados rasos que íam para o cinema aqueles que iriam assumir essa tarefa. Um deles não obedeceu e tentou escapar. Lá se foi o oficial 771 em perseguição ao soldado pelo barranco e resolveu o problema com um bom soco no nariz.

Durante a noite, o tenente dormia no mesmo recinto dos soldados sob o seu comando. No meio da madrugada foi chamado porque o

carvão coque, variedade mineral com forte poder de queima que atinge altas temperaturas, estava pegando fogo no depósito.

“Quando isso ocorre, não adianta jogar água porque piora”, explica Ara. Era necessário mudar as pedras de lugar com pás, deslocando aquelas que soltavam um óleo inflamável. Era preciso acordar os soldados para essa emergência. Mas não havia quem conseguisse tirar os rapazes da cama.

Um sargento resolveu o problema de forma inusitada. O militar sacou o seu cinto de couro com cerca de quatro milímetros de espessura e partiu para cima dos dorminhocos:

- Ele fez um arco e desceu nos soldados. Uma porrada para cada um dos doze recrutas. Em 10 minutos estavam todos vestidos e prontos para o trabalho.

Longe da família e dos amigos, cadetes, soldados e oficiais tinham algo em comum: a saudade de casa, da comida fresca e do conforto do lar.

Um militar do grupo de Ara, em específico, manifestava a falta de sua amada durante o sono. O jovem gritava o nome da mulher enquanto dormia. A cada semana, trocava de três a quatro cartas com 15 folhas cada.

“Era um moço lindo, atlético, reserva do time de futebol do Galatassaray”, lembra Ara que ficava imaginando como deveria ser linda também aquela mulher por quem o colega bradava seu amor durante a madrugada.

- Em uma das nossas licenças, nos encontramos para um jantar. Quando olhei para aquela cigana horrorosa tomei um susto – conta Ara.

Os momentos de diversão não eram frequentes, mas o jovem tenente sempre guardava entre seus pertences um frasco de água de colônia, recarregado nas farmácias<sup>35</sup>. Ara se recorda que uma bela noite encontrou o vidro vazio.

- Não tive dúvida: fui ao banheiro e enchi com urina – conta.

Dias depois, o frasco novamente vazio indicava que alguém andou passeando com um odor pouco agradável como preço da desonestidade.

Com outros quatro armênios, Ara alugou um apartamento recém construído. O imóvel ainda estava sem pintura, tinha uma cama para cada morador e apenas um prato. Vez ou outra, os rapazes comiam costelas de cordeiro vendidas em Ancara.

“Eram dezoito partes. Eu e mais um rapaz comíamos três pedaços antes dos outros para que o prato ficasse divisível por cinco”, conta Ara. Cada um tinha que depositar no alumínio correspondente ao seu pedaço os três ossos comprovando o quanto comeram.

Um dos rapazes, sujeito vaidoso e mulherengo, sempre acabava comendo menos. Os amigos apontavam uma moça passando pela rua e, quando o Dom Juan corria para conferir, jogavam um osso extra na sua cota.

Os dias de serviço militar em Ancara chegaram ao fim como também, em breve, chegaria um dos momentos mais marcantes da vida de Ara Agopyan. Restaram dos prédios de Ancara essas deliciosas histórias sob as quais seus filhos e netos se debruçam décadas mais tarde, com a narrativa sempre detalhada e bem humorada do Gyavur 771.

---

<sup>35</sup> Nessa época não se vendia perfume envasado na Turquia.



## V - O Pogrom e a decisão de partir

Um dos dias mais dolorosos e tristes da vida de Ara Agopyan foi aquele 6 de setembro de 1955. Ele treinava basquete no ginásio da Universidade Técnica de Istambul (ITU)<sup>36</sup> em um time que reunia gregos e armênios.

Ara se recorda que ele e mais um amigo da colônia eram os únicos que tinham coragem de enfrentar a água congelante que saía diretamente dos canos dos vestiários já que não havia chuveiros no local, no outono frio da Turquia.

Eles já estavam se trocando quando ouviram o barulho de vidros quebrando. Não era um som comum. Ara e seus amigos saíram em direção à avenida Istiklal Djaddesi uma das mais importantes e famosas de Istambul.

A rua de arquitetura elegante, se estende ao longo de quase três quilômetros, desde o antigo bairro genovês de Karaköy junto à Torre de Gálata, até à Praça Taksim, no centro de Istambul. A avenida é uma zona de lazer e de comércio, com lojas de todo o tipo, além de igrejas, mesquitas e sinagogas. Sua marca registrada é o charmoso bonde elétrico, mantido até hoje em circulação.

### V.I – Praça de guerra

---

<sup>36</sup> A Universidade Técnica de Istambul, uma das universidades técnicas mais antigas do mundo, com 250 anos, foi fundada em 1773 com o nome de Mühendishane-i Bahr-i Hümayun durante o reinado de Mustafa III. Fonte: <https://www.itu.edu.tr/hakkimizda>

Mas o que Ara e seus amigos presenciaram foi uma verdadeira praça de guerra. As lojas que pertenciam aos armênios, judeus e gregos – formando a maior parte daquele conjunto comercial foram previamente marcadas com tinta e severamente depredadas e saqueadas.

“As portas onduladas de metal eram rasgadas como papel”, recorda Ara. Se ele e seus amigos fossem reconhecidos como minorias, naquele momento, seriam mortos sem piedade. De acordo com a maioria das fontes oficiais, entre 13 e 16 gregos e um armênio (incluindo dois religiosos) morreram durante os ataques. No entanto, várias mortes nunca foram relacionadas ao levante.

Pelo menos 32 pessoas ficaram gravemente feridas. Homens e mulheres foram estuprados e islamizados à força. De acordo com relatos do escritor turco Aziz Nesin<sup>37</sup>, homens, incluindo um padre, foram submetidos à circuncisão forçada. Religiosos cristãos também foram escarpelados e queimados e mulheres estupradas. Nesin escreveu:

Um homem que temia ser espancado, linchado ou cortado em pedaços insinuaria e tentaria provar que era turco e muçulmano. "Puxe para fora e deixe-nos ver", eles respondiam. O pobre tirava as calças e mostrava seu "muçulmano" e "turco". E qual era a prova? Que ele havia sido circuncidado. Se o homem foi circuncidado, ele foi salvo. Se não, ele estava condenado. Na verdade, tendo mentido, ele não poderia ser salvo de uma surra. Pois um

---

<sup>37</sup> Aziz Nesin está entre os poucos escritores turcos contrários ao Islam e críticos da violência contra as minorias.

daqueles jovens agressivos sacaria a faca e o circuncidaria no meio da rua e em meio ao caos.

O relato de uma testemunha ocular foi fornecido pelo jornalista Noel Barber do London Daily Mail<sup>38</sup>, em 14 de setembro de 1955:

A igreja de Yedikule<sup>39</sup> foi totalmente destruída e um sacerdote foi arrancado da cama, o cabelo arrancado de sua cabeça e a barba literalmente arrancada de seu queixo. Outro velho padre grego (Pe. Mantas), que estava doente, foi deixado na cama. A casa foi incendiada e ele foi queimado vivo. Na igreja de Yeniköy, um lindo local à beira do Bósforo, um padre de 75 anos foi levado para a rua, despido de todas as roupas, amarrado atrás de um carro e arrastado pelas ruas.

O patrimônio, fruto do trabalho e do esforço das minorias armênias, gregas e judaicas, foi sistematicamente destruído ou saqueado. Havia uma loja chamada Ossep<sup>40</sup> que vendia tecidos de camisaria, entre os quais uma popeline inglesa que “era uma ceda”, como lembra Ara:

---

<sup>38</sup> Outra testemunha ocular famosa foi o romancista de James Bond, Ian Fleming que, como agente do MI6, esteve presente na Conferência Internacional da Polícia que se realizava em Istambul, em 5 de setembro. O relato de Fleming foi publicado em 11 de setembro, com o título "The Great Riot of Istanbul", no jornal The Sunday Times.

<sup>39</sup> Sete torres

<sup>40</sup> O dono retirou o 'H' do início do nome para que o estabelecimento não fosse identificado como armênio.

- Subiram no estoque, dois vagabundos, abrindo os rolos de 25 metros e soltando para baixo. Outros dois vândalos cortavam o tecido no comprimento, só para destruir...

Ara também se recorda de deter uma mulher roubando os sapatos de uma vitrine. “Mas era tão burra que roubava apenas um pé de cada par”, comenta. O levante foi tão avassalador que provocou escassez de produtos de consumo e alimentos, prejudicando a própria economia do País.

## **V.II – Fake news**

O que Ara presenciou teve origem no que hoje chamamos de ‘fake news’. Uma mentira meticulosamente construída para justificar o que seria uma reação turca a um atentado contra o consulado do país em Salónica, no norte da Grécia.

A representação turca funcionava na casa onde nasceu Mustafa Kemal Atatürk, o herói da independência e proclamador da República da Turquia. Rapidamente, o governo espalhou a informação de que o autor do ataque seria um grego.

No dia 7 de setembro, o governo turco publicou a seguinte nota, reproduzida no Brasil pelo jornal O Estado de S. Paulo, citando como fontes as agências United Press e France Presse:

Istambul e o país estiveram, ontem, pode dizer-se, sob a influência de elementos comunistas provocadores. As manifestações atentaram contra o patrimônio da Nação. Os cidadãos que sofreram prejuízos serão indenizados. Os organizadores das manifestações serão detidos e punidos. Grande número de prisões já foi feito. Todos os cidadãos



dedicados aos interesses do país devem colaborar para o restabelecimento da ordem. É um dever nacional.<sup>41</sup>

O mesmo comunicado afirmava que estabelecimentos pertencentes “a nossos irmãos gregos” teriam sido saqueados.

Mas, a verdade foi outra. O próprio governo, que chamava os gregos de irmãos, tramou os ataques. Em seu livro de 2005, Speros Vryonis<sup>42</sup> documenta o papel direto da organização Demokrat Parti<sup>43</sup> (DP) e dos sindicatos controlados pelo governo em reunir os rebeldes que varreram Istambul.

A Associação “Chipre é turco” recrutou a maioria dos manifestantes no oeste da Ásia Menor. Eram cerca de 500 trabalhadores de fábricas locais, que foram transportados de trem com passagens de terceira classe para Istambul, em troca do equivalente a 6 dólares, valor que nunca foi pago.

Os vândalos foram acompanhados pela polícia de Eskişehir, que foi encarregada de coordenar a destruição e pilhagem, uma vez que o contingente foi dividido em grupos de 20 a 30 homens que atacavam várias regiões simultaneamente.

Caminhões municipais e do governo foram colocados em pontos estratégicos por toda a cidade para distribuir as ferramentas de destruição (pás, picaretas, pés de cabra, varetas e gasolina), enquanto quatro mil táxis foram requisitados da Associação de Motoristas e Sindicato dos Trabalhadores de Veículos Automotores.

---

<sup>41</sup> Publicado no dia 8 de setembro de 1955 no jornal O Estado de S. Paulo.

<sup>42</sup> Historiador americano de ascendência grega.

<sup>43</sup> Partido Democrata que liderava a Associação Chipre é Turco e vários sindicatos espalhados pelo País.

Uma manifestação de protesto na noite anterior, organizada pelas autoridades em Istambul, sobre a questão de Chipre e o bombardeio da casa de Atatürk foi o disfarce para reunir os rebeldes.

Às 13h00, as notícias do atentado foram anunciadas por rádio. Porém, como a maioria das pessoas na época não tinha receptores de rádio, tiveram que esperar até as 16h30, quando o diário İstanbul Ekspres, associado ao DP e ao Serviço de Segurança Nacional (NSS), repetiu a notícia impressa. Às 17h, os distúrbios começaram na Praça Taksim.

O saldo foi terrível. Ao todo, 5317 propriedades foram atacadas, entre as quais 4214 casas, 1004 empresas, 73 igrejas, 26 escolas, dois mosteiros e uma sinagoga, com um dano estimado de 500 milhões de dólares.

Não fosse o golpe de Estado de 1960 que levou ao poder os opositores do regime que provocou os ataques em 1955, talvez a verdade sobre os fatos jamais viesse à tona. Em 1961, o julgamento de Yassıada, acusou o primeiro-ministro Adnan Menderes e o ministro das Relações Exteriores, Fatin Rüştü Zorlu, de planejar os motins. O ministro do Interior, Namık Gedik, também foi acusado de envolvimento, mas cometeu suicídio antes do início do julgamento.

As investigações revelaram que o fusível da bomba do consulado foi enviado da Turquia para a Grécia em 3 de setembro. O estudante universitário de 20 anos chamado Oktay Engin recebeu a missão de instalar os explosivos, em forma de dois bastões de gelignite, no jardim do consulado.

O cônsul M. Ali Balin teria pressionado primeiro o funcionário do consulado Hasan Uçar que não concordou com o atentado forjado. Ambos foram presos após o ataque. Engin nasceu na cidade grega de Komotini, filho de Faik Engin, um parlamentar conhecido no final dos anos 40 e um dos três membros de etnia turca do parlamento grego, entre 1946-1950.

Menderes e Zorlu foram sentenciados à pena capital e, apesar dos apelos ao perdão presidencial e de pedidos de vários líderes mundiais<sup>44</sup>, foi enforcados pela junta militar responsável pelo julgamento nas masmorras da ilha de İmralı, a 17 de setembro de 1961. Engin foi inocentado e negou sua participação até a morte.

O evento ficou conhecido como Pogrom, palavra russa que significa "causar estragos, destruir violentamente". Historicamente, o termo refere-se aos violentos ataques físicos da população em geral contra minorias.

### **V.III – A decisão de partir**

A caminhada de Ara até a casa dos Agopyan em meio à destruição que presenciou durou cerca de uma hora. Mas aqueles passos reconstituíram toda uma vida.

Quando chegou, encontrou Hopar de camisa aberta, com o peito à mostra, desesperado por saber se o seu primogênito tinha sobrevivido à tamanha violência. Era primeira vez que via o pai na rua sem a sua gravata borboleta e o terno impecável.

A família toda chorava. Eram as mesmas lágrimas e os mesmos olhos que testemunharam o genocídio. Os mesmos corações que

---

<sup>44</sup> Como o presidente americano Kennedy e a rainha Elizabeth II do Reino Unido.

sangraram durante o exílio. As mesmas pessoas, honestas que, mais uma vez eram atacados pelos turcos.

Ara se volta para o pai e anuncia:

- Não quero que meus filhos nasçam aqui.
- O que você vai fazer? – pergunta Hobar.
- Vou embora – promete o filho.
- Você tem dinheiro? – questionou Hobar.
- Tenho 55 dólares

Menos de um ano depois, Ara deixa Istambul, seus amigos e seu passado em busca de um lugar digno para constituir a família e erguer seu patrimônio. A dor daquele início de outono de 1955 ficou marcada como tatuagem no coração desse armênio e dos Agopyan. Era a dor da história de um povo, mais uma vez massacrado.

# Capítulo 2

## Paris

## I – Os primeiros momentos

Em um navio de terceira classe, com oito pessoas na cabine e 55 dólares no bolso, Ara Agopyan deixa Istambul com destino à Marselha e, em seguida, à Cidade Luz, capital cultural da humanidade, berço do pensamento contemporâneo: Paris!!! O ano era 1956.

A passagem foi comprada com liras turcas. Àquela época, era proibido deixar o país com o dinheiro turco em espécie. Ara enrolou suas economias e as colocou no fundo do maço de cigarros que carregava. “Cheguei a oferecer cigarros para o agente da imigração”, conta.

O navio fez uma escala em Milano, na Itália. “Eles gostavam dos cigarros turcos. Vendi por lá e ainda troquei minhas liras”. Em seguida, o navio partiu para Marselha. Lá um armênio esperava por Ara.

Por um curto período, logo após o genocídio, Hopar foi professor em uma escola de Istambul. Entre os seus alunos estava Nubar Havaressian, que se tornaria um industrial em Paris. Mesmo contrariado com a partida do filho, Hopar escreveu para Nubar, que aguardou Ara no porto e seguiu com o jovem em um trem até a capital francesa.

Segundo Heitor de Andrade Carvalho Loureiro<sup>45</sup>, o porto de Marselha, no sul da França, foi a principal entrada de armênios na Europa que desenvolveram naquela cidade uma importante coletividade, assim como em outras cidades da França.

Em média, para percorrer os 660 km que separam as duas cidades, o expresso leva quatro horas. Atualmente, 17 composições fazem o trajeto, ao custo de € 19 quando os bilhetes são reservados com antecedência.

A França que aguardava Ara Agopyan ainda tinha cicatrizes profundas da Segunda Guerra quando o País viveu a ocupação nazista. Terminada a guerra, o Comitê Francês de Libertação Nacional transformou-se em governo provisório da República francesa.

O general Charles de Gaulle passa a ser a figura central nesse período. Em 1958, a Assembleia Nacional outorgou a De Gaulle plenos poderes para governar a França durante seis meses e para redigir a Constituição da V República, aprovada por referendo popular.

O País precisava de mão-de-obra estrangeira para se reerguer economicamente. Segundo Angelina Peralva, professora da USP e pesquisadora da Escola de Estudos Superiores em Ciências Sociais

---

<sup>45</sup> Graduado em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e mestrando em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Apresentou o artigo “Mascates, sapateiros e empresários: um estudo da imigração armênia em São Paulo” no XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

de Paris, a importação de mão de obra estrangeira passa a ser considerada “um imperativo econômico e pré-requisito para a retomada do desenvolvimento”.

Nesse contexto, para os armênios, a França representava um porto seguro. É o terceiro país que mais recebeu a colônia após a diáspora, contabilizando 450 mil imigrantes. Foi também o primeiro país a reconhecer o Genocídio.

Mas, engana-se quem pensa que a vida era fácil para os imigrantes como Ara. Os trabalhadores estrangeiros conseguiam quando muito atividades braçais. Eram instalados precariamente, de início, nos bairros mais antigos do centro das cidades como Paris. Ainda segundo Angelina Peralva<sup>46</sup>:

À medida que esses bairros eram renovados, e suas construções, portanto, revalorizadas, os trabalhadores estrangeiros foram sendo empurrados para favelas construídas em áreas periféricas. Até os anos 60, pelo menos, eles serão, como de resto toda a população francesa, vítimas de um déficit considerável de moradias.

## **I.1 O trabalho e o aprendizado**

Na Rue de Soleil, funcionava a fábrica de motores para transformadores do patrício Nubar. Ele morava em frente, no número 13, onde vivia com a esposa e o filho, estudante de engenharia elétrica.

---

<sup>46</sup> Trecho de “França: imigrantes, estrangeiros, estranhos”, apresentado no Seminário “Terra natal, terra estrangeira — migrações na Europa nos anos 90”, promovido pelo Instituto Goethe de São Paulo em colaboração com o CEDEC e o IDESP, setembro de 1994.



Na França, para tirar carteira de trabalho<sup>47</sup>, naquela época, o funcionário precisava que um empresário fizesse uma declaração dizendo que necessitava daquela mão-de-obra. Em contrapartida, o trabalhador era obrigado a permanecer um ano na empresa.

Ara fazia a bobinagem dos motores, calculando a espessura do fio de acordo com o tamanho do motor. O cobre passava pelos dedos indicador e polegar do trabalhador que foram ganhando calos:

- Eu era capaz de segurar a brasa de um cigarro aceso entre os dedos – conta.

O salário era algo em torno 36 mil francos por mês, o equivalente a cerca de 100 dólares. “Era uma miséria, mas, como na Turquia éramos pobres, esse valor nem parecia tão pouco”.

Nubar conduziu Ara até o sul de Paris, no distrito de Choisy Le Roi, onde funcionava a Maison Armênia, um centro de acolhimento de imigrantes e refugiados que, desde o genocídio, abrigava os armênios em Paris.

Este edifício acolheu famílias de sobreviventes do genocídio durante décadas, graças à generosidade de Madame Noémie Capamadjian, que, em 1926, ofereceu o imóvel à rua Rouget de L'Isle número 11, para a UGAB (União Geral Armênia de Beneficência).

Eram pequenos apartamentos, com um quarto e uma cozinha. Ara dividia o local com uma família de parentes de Nubar- uma mulher e seus dois filhos de 8 ou 10 anos, também armênios imigrantes da Turquia.

---

<sup>47</sup> Ara Agopyan ainda possui sua carteira de trabalho francesa, assim como a carteira de motorista.

- “Improvisaram uma cama na cozinha e era lá que eu dormia”, conta Ara.

Ara se recorda que tentou ensinar a língua armênia e também um pouco de matemática e geometria para os filhos daquela senhora, sem sucesso. Os meninos não eram dos mais inteligentes e o professor também não primava pela paciência, como seus próprios filhos atestam até hoje.

Aquele jovem eletricitista que trocou a universidade pelo serviço militar tentava juntar o que podia para iniciar sua história naquele país, longe da violência turca e perto da liberdade e da fraternidade nem sempre explícitas na capital francesa.

Ara nem imaginava que viria a ser um empresário da indústria da moda. Mesmo assim, quis o destino que aquele jovem armênio estivesse no epicentro do chamado renascimento da elegância, quando os maiores nomes da moda contemporânea davam as cartas em Paris.

Reinavam absolutos Christian Dior, Jacques Fath e Cristóbal Balenciaga. E gravitavam ao seu redor, Schiaparelli, Chanel, Jacques Heim, Pierre Balmain, Jacques Griffe, Hubert de Givenchy e Pierre Cardin.

Mas a Paris de Ara Agopyan era muito mais transpiração que inspiração. Só dois anos depois da sua chegada foi ao cinema pela primeira vez. “Escrevi para o meu pai dizendo que joguei a nota no guichê sem perguntar o preço”, afirma.

## **I.II A Paris de Ara Agopyan – o metrô, os lugares que marcaram a história**

Da Maison Armênia até a estação de trem mais próxima eram quase dois quilômetros de caminhada. “Aquilo era mais do que comum para mim. Aliás, se fosse correndo ninguém me alcançava”, relembra Ara.

De trem começava sua viagem diária até a imponente Gare D’Austerlitz, estação com enormes estruturas metálicas construída em 1840, à margem esquerda do Rio Sena, originalmente chamada Gare d’Orleans.

De lá, Ara seguia até a estação Chatelet, ponto de interligação com o metrô que o levaria à Place des Fêtes, estação que, desde 1935 ocupa um edifício de estilo Art déco, bem próximo à Rue de Soleil.

Os trilhos eram sua segunda casa. O jovem que chegou de Istambul rapidamente se acostumava com os labirintos do sistema de trens e metrôs parisienses e além dos bairros, dos mais charmosos aos mais pobres da Cidade Luz.

Paris tem o segundo Metrô mais antigo do mundo<sup>48</sup>, inaugurado em 1900 pela *Compagnie des Chemins de Fer* (Companhia de Caminhos de Ferro). A cada dia são perto de 4,6 milhões de pessoas que utilizam as 302 estações do metrô, divididas sobre 219,9 km de vias e 16 linhas.

De uma única linha em 1900, o Metrô passou para 10 linhas já em 1911, antes de atingir seu número atual em 1998 com a abertura da linha 14, totalizando mais de 300 estações e 383 pontos de parada.

Ara Agopyan lembra com carinho do ticket que comprava em quantidade (5 folhas) para conseguir a passagem pela metade

---

<sup>48</sup> O Metrô mais antigo do Planeta é o de Londres, inaugurado em 1863.

preço. A condição era viajar durante o dia, saindo sempre da mesma estação. A noite os passes podiam ser usados livremente.

Essas passagens são um souvenir que os turistas colecionam e seu formato até hoje é o mesmo dos tempos de Ara (6 cm x 3 cm). São vendidas perto de 600 milhões de unidades por ano. O ticket do metrô de Paris é quase tão emblemático quanto o próprio modal.

Na primeira greve de transportes que enfrentou, Ara caminhou cerca de 25 da Maison até a rue de Soleil, causando espanto no patrão. “Trabalhava por hora e não podia perder nenhum minuto de salário”, justifica.

Nessas idas e vindas, Ara conheceu a família Genasian, que morava no quinto andar de um prédio da Rue Lafayette – a mesma onde funciona a célebre Galerie Lafayette, loja de departamentos francesa, fundada em 1912. É também nessa rua onde Ara relembra os sabores de Istambul em um restaurante muito especial.

É o Les Diamantaires, ponto de encontro de joalheiros, criado em 1929, que oferece pratos típicos da cozinha armênia, grega e libanesa como Madzunov (quibes recheados servidos com coalhada fresca) e o Souvlaki (espetos gregos grelhados).

“Ficávamos no balcão à espera de um cozinheiro, um patrício armênio”, recorda Ara que conseguia um prato por um preço especial, mesmo assim praticável apenas em dia de pagamento.

### **I.III Os amigos em Paris**

Os Genasian eram pessoas muito simples e batalhadoras. O chefe da família fabricava cozinhas. Era um vegetariano muito preocupado com a qualidade da alimentação e os riscos da ingestão

de carnes, o que era incomum naquela época. Ele fazia geleias sem acrescentar açúcar, apenas com o doce das frutas.

Sua esposa costurava para ajudar no orçamento doméstico. Não raro, Ara jantava naquela casa que o recebeu sempre de braços abertos. Antes de ir embora, o jovem sempre levava o lixo para o descarte.

- Vocês sempre me servem uma ótima comida e um presente – brincava Ara com os patrícios se referindo ao saco de lixo.

O filho do casal, Felix Genasian estudava odontologia e fazia instalações elétricas nas horas vagas, mas morria de medo de machucar as mãos. “Eram um menino maravilhoso”, lembra Ara do amigo que passou a recomendá-lo para esses serviços.

Outro personagem passa a fazer parte integrante dos seis anos de Ara por Paris. “Era uma amizade de miséria”, conta Ara ao lembrar de Achod Merdinian<sup>49</sup>. Eles trabalhavam no mesmo bairro e o amigo fabricava clichês de chumbo.

- Tomava dois litros de leite por dia para não ser envenenado, recorda Ara.

Mais tarde o amigo conseguiu trabalho na mesma empresa que Ara trabalhava, o que aprofundou a relação entre eles. “Quando tínhamos fome, juntávamos o que tínhamos no bolso e comprávamos algo para dividir”, descreve Ara com emoção.

Na mesma época, Ara reencontrou o amigo de Istambul Agop Kirmizyan, nascido em Bucareste (Romênia), que vivia em Paris com

---

<sup>49</sup> O amigo morreu no ano de 2019 vítima de um câncer.

seus pais. Os amigos jogavam basquete juntos no time da Snecma (Société Nationale d'Étude et de Construction de Moteurs d'Aviation).

As amizades entre armênios se fortalecem na mesma medida das dificuldades que os patrícios enfrentam. A solidariedade é parte integrante da história dessa migração na França, no Brasil ou em qualquer lugar do mundo.

Felix indicou para Ara uma empresa especializada em instalações elétricas. O endereço era rue Bergere, número 3030. “Era uma loja pequena que fazia concertos no bairro inteiro”, conta Ara. O salário oferecido foi 80 mil francos mensais.

Ara aprendera a lidar com instalações elétricas na Turquia e Paris era uma cidade em transformação com o fim da guerra e a chegada de eletrodomésticos de todo o tipo anunciando um novo momento de prosperidade. Ou seja, não faltava serviço.

Ainda empregado na fábrica de Nubar, quando pediu seu afastamento, Ara levou uma bronca do patrão. Ele temia que o funcionário chamasse a atenção dos outros empregados para a possibilidade de um ganho maior.

Ara chegou a passar mais de um ano na nova empresa onde fez um pouco de tudo. “Cheguei a dirigir o caminhão deles inclusive”, recorda. O armênio trabalhava com outros dois funcionários, Raymond e Robert. Havia na entrada da loja uma caixa cheia de fichas, com as solicitações de serviços. Eles faziam os orçamentos e, uma vez aprovados, executavam os serviços.

- Também conseguia fazer alguns bicos à noite e juntava até 110 mil francos – recorda Ara.

Para fazer esses trabalhos esporádicos a grande dificuldade era conseguir matéria-prima já que os franceses não vendiam nada sem nota fiscal. “Comprava na loja de um armênio e tinha que sair correndo para não ser flagrado pela fiscalização”, lembra.

Em um desses bicos, o jovem ficou encantado com uma moradora, mas se deparou com uma situação totalmente inusitada. Ara percebeu que a companheira de moradia da sua cliente não deixava o electricista sozinho com a moça. Era um casal homossexual, coisa rara nos anos 60, mesmo na Europa.

Outro serviço marcante foi a reforma de uma igreja que teve suas cúpulas de vidros quebradas e os pombos invadiram o local gerando pilhas de dejetos e pássaros mortos. Ara propôs uma adicional de insalubridade para o patrão que mandou ele cobrar o valor dos pombos.

O trabalho necessário poderia ser concluído em 110 horas. Mas, o patrão, ganancioso, quis cobrar 300. Resultado: os funcionários se revezavam entre idas e vindas em um cinema para consumir o tempo proposto.

- Quem ganhou com isso? Se tivéssemos trabalhado as horas corretas rapidamente estaríamos em outro local, ganhando mais dinheiro – calcula Ara.

Outro endereço de trabalho que marcou a vida de Ara foi uma fábrica na Rue des Maronites, onde o armênio trabalhava sozinho. Nesse prédio, havia a casa do zelador que chegou a ser invadida por moradores de rua. Estava tudo muito sujo.

O patrão ofereceu o local como moradia para o funcionário que não poupou esforços para deixar o quarto em condições uso. “Coloquei

tábuas no lugar dos vidros e raspei o chão que tinha um desnível de quase quatro centímetros”, lembra Ara. O pior era o que provocava essa diferença: fezes humanas acumuladas.

Foram três dias de muito trabalho que consumiram um macacão de sarja que Ara gostava muito. De tão sujo teve de ser queimado e substituído por roupas militares americanas que o armênio comprou em um mercado de pulgas de Paris.

O bairro tinha forte presença de norte-africanos em conflitos constantes com os franceses pelo território argelino cuja independência foi conquistada em 1962. Na noite de um sábado, Ara foi abordado pela polícia e estava sem documentos.

O policial jogou o armênio no carro apelidado de *Panier des salade*<sup>50</sup>. No camburão, um argelino bêbado recitava poesias e jogava a boina no assoalho em protesto. Quando chegaram à delegacia, outro companheiro de viagem exigia seus direitos aos berros.

Um policial deu-lhe um safanão, mas não adiantou. O delegado pediu então que o sujeito tirasse a jaqueta. Quando o preso estava com os braços imóveis pelo casaco, deu-lhe um tapa que o levou ao chão.

Ara se recorda que os presos, antes de serem levados às celas, eram obrigados a tirar cintos e cadarços para evitar que eles se machucassem e, depois, denunciassem a polícia por maus tratos. Por fim, quando perceberam que Ara não tinha nada a ver com os africanos, foi dispensado.

---

<sup>50</sup> Porque tinha uma grade que se assemelhava a uma peneira usada para lavar as folhas.



- Saí correndo antes da ronda seguinte - lembra.

A vida não era fácil. Eram raros os momentos de lazer diante de tanto trabalho. Mesmo assim, as vezes era possível. No final da Copa de 1958, Ara acompanhou o jogo Brasil versus Suécia pela televisão de uma vizinha. Pelé, Garrincha, Pepe e companhia golearam por 5 a 2.

Na França, durante as férias, trabalhadores viajavam com passagens pela metade do preço, desde que comprassem bilhetes de ida e volta. Aproveitando essa chance, ao lado de um amigo, partiu para a pequena Douville<sup>51</sup>, cidade praiana, à beira do Atlântico.

Lá funciona até hoje o sofisticado Casino Barriere, onde, na primeira noite Ara faturou 30 mil francos apostando na roleta. Nas noites seguintes, entretanto, perdeu tudo. Já em Paris, sem um tostão no bolso ficou sem comer por dois dias - o suficiente para aprender a lição e nunca mais desperdiçar dinheiro com o jogo.

#### **I.IV O acidente**

Tudo ía muito bem até a tarde de 30 de janeiro de 1960. Ara fazia um concerto numa garagem quando resolveu fazer uma acrobacia entre uma viga de sustentação do local e uma escada. O jovem acabou despencando de uma altura de cerca de seis metros.

Os colegas tentaram ajudar, mas Ara não conseguia ficar em pé. As pernas não respondiam mais. O armênio foi socorrido por policiais

---

<sup>51</sup> Deauville é uma comuna no departamento de Calvados, na região da Normandia, no noroeste da França. É considerada a "rainha das praias normandas".

que o levaram ao Hospital Boucicaut <sup>52</sup>, onde ficou deitado de bruços sofrendo uma dor terrível.

Ara tentou movimentar as pernas, sem sucesso. Pela primeira e única vez na vida aquele armênio forte e determinado cogitou o suicídio. Só desistiu da ideia porque constatou que abaixo da cintura nem tudo estava sem movimento. Havia uma chance!

Na primeira visita médica, uma enfermeira introduziu na base das costas de Ara uma agulha do tamanho de uma caneta e tirou 750 ml de sangue e plasma acumulados com o ferimento.

- Cheguei a entortar uma cama metálica com as mãos para resistir à dor sem gritar – conta Ara.

Ara ganhou um dreno de pressão que retirava o líquido das suas costas, em um pote sempre cheio de um líquido que mais parecia com um vinho tinto. Por isso, ganhou logo o apelido de bêbado.

Mesmo reconhecendo a excelência do sistema de saúde francês, Ara passou por dificuldades durante quase dois meses de internação. Uma madre responsável pelo andar onde Ara estava internado, tramava para dar alta ao paciente antes dele recuperar os movimentos. Ara reagiu:

- A senhora é muito gentil. Sei que quer me tirar daqui. Pode ficar tranquila que sou um homem forte e vou me recuperar. Quando isso acontecer, volto aqui para quebrar seu pescoço – sentenciou.

---

<sup>52</sup> O nome presta homenagem a um casal de filantropos Marguerite e Aristide Boucicaut. Aristide Boucicaut (1810-1877) é o fundador do famoso Bon Marché. Sua esposa fundou o Hospital.

A religiosa reagiu:

- Imagina, só queria mudar o senhor de cama.

E não era apenas Ara, a vítima da madre. Outro paciente com duas pernas e um braço amputados recebia seu prato com um bife inteiro para comer o que, por óbvio, era impossível para o paciente. A solução era pedir ajuda para o “bêbado”, sempre solícito.

- Colocava meu potinho embaixo do que restou do braço amputado daquele homem e cortava a carne – conta Ara.

O fato é que a madre estava com raiva do armênio que insistia em fumar no recinto, usando uma cuspideira como cinzeiro. Ele ficava de olho em um espelho colocado estrategicamente na entrada do andar e, quando avistava a religiosa, apagava o cigarro.

Durante o período que ficou internado, quase dois meses, não contou à família o que havia ocorrido. Lia notícias nos jornais distribuídos no Hospital e narrava os fatos nas cartas para os parentes em Istambul como se estivesse tudo normal.

A solução para os problemas veio das mãos do velho Genasian que, em visita a Ara, trouxe um saco com um pó curativo que era despejado sobre as refeições. Quinze dias depois de iniciar o tratamento, o doente estava em pé novamente.

As dores, entretanto, acompanharam Ara por anos. Chegou a consultar um médico que infiltrou um líquido nas suas costas para diminuir seu sofrimento. Mas a dor da injeção não valia à pena e o paciente jamais repetiu a dose.

Ara também passou por exames de médicos do Governo Francês que constataram que o eletricista perdera 15% da sua capacidade

física. Como indenização vitalícia, passou a receber mensalmente um benefício equivalente a cerca de mil reais.

Já fora do apartamento que seu patrão cobrou ainda durante a internação, Ara passou a viver em uma casa de família, onde alugou um quarto. O banheiro era dividido com os outros moradores.

Seu último endereço de trabalho foi a Rue D'Aboukir, próxima à estação Sébastopol do metrô. Durante o dia, era uma rua de confecções de imigrantes judeus. À noite, era o maior polo de prostituição parisiense. “Eram quase duas mil mulheres”, se recorda Ara.

Trata-se de uma localidade histórica. No número 11, viveu ninguém menos que Napoleão Bonaparte, em 1795. A rua nasce de uma bifurcação com a Rue Saint-Denis um dos centros da Rebelião de junho de 1832<sup>53</sup>, imortalizada no romance *Os Miseráveis*, de Victor Hugo.

Esse triângulo forma um charmoso boulevard, hoje povoado por lojas modernas. A prostituição dos anos 50 diminuiu muito, mas deixou heranças como uma série de sex-shops, diversão para turistas e parisienses interessados nos equipamentos para o prazer.

Foi nesse pedaço especial de Paris que Ara Agopyan recebeu uma proposta que poderia mudar o curso da sua história. Era uma loja com cerca de seis metros de frente. O lugar era cheio de equipamentos para instalações elétricas.

---

<sup>53</sup> A rebelião de junho de 1832 ou a revolta de Paris de 1832 (em francês: *Insurrection républicaine à Paris en juin 1832*), foi uma insurreição anti-monarquista dos republicanos parisienses.

“Tinha um caderno pendurado na entrada, onde as pessoas anotavam o endereço dos serviços que tinham de ser realizados”, conta Ara. O proprietário queria vender a loja por 300 mil francos. Mas, a loja teria de ser passada para o nome de um cidadão francês, já que estrangeiros não podiam tocar negócios próprios na França.

A possibilidade de empreender na Europa foi interrompida por uma carta de Hopar. Ressurge de forma definitiva na saga de Ara a figura do tio paterno, Garabed Agopyan, um dos muitos armênios que vieram para Marselha e, sentindo o cheiro da II Grande Guerra, atravessaram o oceano. O destino? O mesmo que Ara seguiria – O Brasil.

## II – A decisão pelo Brasil

Jânio Quadros presidiu o Brasil entre janeiro e agosto de 1961 quando, para espanto geral da nação, renunciou alegando que ‘forças ocultas’ o impediam de continuar no cargo. Foi um dos políticos mais populares do seu tempo e sua carreira meteórica só terminaria após voltar a comandar o Prefeitura paulistana em 1985.

Era também a única referência que o jovem Ara Agopyan tinha do Brasil. Nem ele sabe a dizer como ouviu falar daquele político. O certo é que, anos antes da renúncia, desembarcava em Istambul a figura enigmática do tio Garabed Agopyan.

O irmão de Hobar se dizia um milionário que teria edificado sua fortuna no triângulo mineiro, na prosaica Uberlândia, terra de criadores de gado no sudoeste das Gerais. O sujeito falante se dizia um grande empreendedor.

Os Agopyan viviam em uma casa pequena, alugada quando Hobar retornou do exílio. Ara dormia no quarto com sua irmã mais nova que cedeu a cama para o tio que tinha sérios problemas de audição.

“Eu falava com ele usando uma espécie de rádio para que ele pudesse ouvir”, comenta Ara. O tio descrevia uma vida de prosperidade e riqueza naquele Brasil tão distante para o ingênuo menino armênio que não tinha como questionar o parente.

- Ele envenenou minha cabeça – recorda.

### II.1 – As correspondências

Depois da partida de Ara para a França, a família se manteve em contato semanal trocando centenas de correspondências. Eram páginas e páginas de papel escrito narrando tudo o que se passava com o jovem Agopyan que ganhava o mundo.

Mesmo distante e contrariado com a partida do filho, Hopar não deixava de fazer o possível para que Ara trilhasse um caminho de sucesso para onde quer que fosse. Usava suas influências para proporcionar o melhor para o rapaz.

Em um mundo sem email e com o telefone como algo muito caro para trabalhadores armênios como Hopar e Ara, era pelas cartas que a família se mantinha unida. Isso sem falar no gosto do patriarca Agopyan pelas letras e pelo próprio idioma e alfabeto preservado em cada missiva trocada com o filho.

No final de 1961, Hopar escreve dizendo que Garabed tinha oferecido uma oportunidade de ouro para Ara. Mais: afirmava que, caso o trabalho oferecido não desse resultado o tio pagaria a passagem de volta para Europa.

Garabed queria fazer do sobrinho um administrador dos seus negócios no Brasil. Sem saber a real situação do parente, Ara pesou os prós e contras de uma saída da França, onde os negócios não iam mal, mas também não era uma vida fácil.

Os franceses eram muito corretos no trato com os impostos e morriam de medo de fazer qualquer negócio que não fosse rigorosamente dentro das normas tributárias. Ou seja, nada de caixa dois.

Para Ara prosperar na França, por outro lado, tinha que atuar à margem do sistema, porque como estrangeiro não poderia operar.

Já em Uberlândia, na empresa de um tio legítimo, irmão de Hobar, tudo poderia ser diferente.

E, se desse errado, poderia voltar. Então, por que não?

Ara só retornou à França mais de 20 anos depois. Chegou a rever Felix que, dentista consagrado, morava no local mais caro da capital francesa, onde inaugurou sua clínica, próxima ao Arco do Triunfo.

O fato é que o amigo não soube administrar o dinheiro que ganhou. A casa estava inacabada. O dentista e sua família viviam entre caixotes e Felix chegou a pedir dinheiro para Ara, com intuito de terminar a obra.

Em outra viagem para Paris, alguns anos depois, Ara vasculhou as listas telefônicas da capital francesa, mas não encontrou seu amigo.

Nessa época, Ara descobriu que Achod estava em Vancouver, no Canadá. Não teve dúvidas, pegou um avião e foi visitá-lo. Na mesma viagem, soube que Felix havia falecido. Achod morreu de câncer em 2019.

Já Agop inaugurou uma fábrica na França e enriqueceu. Quando Ara visitou o local, o amigo se escondeu achando se tratar de um pedido de empréstimo. Jamais se falaram.

- Na pobreza há mais sentimento que na riqueza – conclui Ara.

## **II.II A viagem de navio**



Nos primeiros dias de janeiro de 1962, Ara Agopyan embarcou no transatlântico Louis Lumière<sup>54</sup>, que partiu de Le Havre, na região da Normandia, palco da batalha histórica que marcaria o início do fim da Segunda Grande Guerra, no verão de 1944.

Essa cidade portuária, a 176 km a oeste de Paris, foi quase totalmente destruída durante a Guerra. A cidade perdeu mais de cinco mil civis foram, teve 12,5 mil edificações destroçadas e 80 mil pessoas ficaram desabrigadas.

O porto onde Ara embarcou - assim como toda Le Havre - foi reerguido a partir do projeto do arquiteto<sup>55</sup> Auguste Perret e do urbanista Feliz Brunau. Hoje Le Havre é considerada Patrimônio da Humanidade.

O Lumière, navio da armadora Chargeurs Réunis, navegou por quase 20 anos. Fez a viagem inaugural em 1952. Deslocava 12 mil toneladas, media 157 metros de comprimento e tinha capacidade para 375 passageiros em duas classes.

A linha Havre/Buenos Aires e portos intermediários também conhecida como Rota de Ouro e Prata era a principal conexão por mar entre a Europa e a América do Sul. As empresas que operavam essa rota se reestruturaram após a guerra e viviam um momento de retomada das viagens naquele início da década de 1960.

Até hoje não são raros os registros e lembranças do Louis Lumière entre viajantes brasileiros que, no caminho de volta para Europa,

---

<sup>54</sup> Assim nomeado em homenagem a um dos inventores do cinematógrafo, máquina projetora de frames fotográficos que deu origem ao cinema.

<sup>55</sup> O brasileiro Oscar Niemayer também deixou sua marca com a obra Le Volcan, um centro cultural na França, inaugurado em 1982

desfrutaram do navio que guardava um certo charme, mesmo estando longe de ser uma embarcação luxuosa.

Ao atravessar a linha do Equador o Lumière se transformava num grande salão de festas. Ara foi eleito Netuno, o Deus grego dos oceanos, e fantasiado como tal. “O capitão acabou escapando de um banho de piscina com farinha que os passageiros estavam tramando”, recorda.

Para percorrer os 8.620 km que separam o Brasil e a França por mar, um navio leva, no mínimo 13 dias, tempo suficiente para muita comida, bebida e até uma paquera. Logo na primeira noite da viagem, Ara conheceu uma linda moça que conversava em francês com uma amiga.

Ela era chilena, estudava na França estava a caminho do seu País para rever seus familiares. Ara não teve dúvidas. Conquistaria aquela latina.

À sua espera na Praça Mauá, no Rio de Janeiro, estava um amigo de Garabed, cuja família receberia o viajante com um jantar. O patricio seria reconhecido por um livro que portava. Ara aproveitou um aviso de atraso do navio em função de um problema nas máquinas e passou o primeiro dia no Brasil ao lado da bela chilena.

- Até hoje eles estão me esperando para jantar – brinca.

Naquele 1962, o jovem armênio de xx anos pisava em uma terra de oportunidades às quais se agarraria com a tenacidade que aprendeu com Hopar.

- Não tenho a menor ideia de como consegui me deslocar do navio até um hotel, no dia seguinte, até a rodoviária – comenta Ara.

O armênio sabia falar a língua do seu povo, também dominava o turco e o francês que aprendera durante os seis anos em Paris. Mas, de português só conhecia uma palavra: o vocábulo ‘mais’.

É que, na aproximação do Lumière com a costa brasileira, uma tempestade que durou mais de três dias fez o navio balançar demais. A maior parte dos passageiros não resistiu ao balanço e, como dizem os marinheiros, marearam, enjoados.

Para Ara, nascido e criado em Istambul, cercado pelo oceano, isso não era problema. Além do que, tinha uma fome “de lobo”. Sentado sozinho em uma mesa para oito pessoas, o viajante tentava dialogar com o garçom que oferecia a comida, com a pergunta:

- Mais, senhor?

Ara chamou o maitre que explicou o que o garçom queria dizer. Não teve dúvida pedindo mais, mais e mais: comida e bebida de sobra.

### **II.III - Kristos dzenav yev haidnetsav**

O dia era 5 de janeiro de 1962, véspera do Natal armênio. Desde o início do cristianismo e durante os primeiros três séculos, toda a cristandade celebrou o Natal no dia 6 de janeiro. O 25 de dezembro entra no calendário católico somente no século IV.

A alteração da data foi feita em Roma colocando o Natal no mesmo dia da cerimônia do Deus-Sol, uma festa pagã. A igreja católica, mantém no dia do Natal armênio o seu Dia de Reis, quando o menino Jesus recebeu os magos árabes com seus presentes.

No seu Natal, os armênios se saúdam com a expressão “Kristos dzenav yev haidnetsav”, que quer dizer “Cristo nasceu e se

revelou”. E a resposta é “Tsez yev mez medz Avedis”, que significa “A vós e a nós a boa nova”.

Nada mais simbólico para aquele rapaz que comemorar a ‘boa nova’ nessa nova pátria. Apesar de todas as dificuldades e lutas, é no Brasil que Ara Agopyan iniciou uma história de prosperidade e amor.

As turbulências do Lumière também eram sentidas em solo brasileiro. A renúncia de Janio Quadros, a única referência de Ara sobre o Brasil, levou ao poder o João Goulart que dois anos mais tarde seria derrubado por um golpe militar.

Em plena Guerra Fria, o Brasil era um local estratégico para as grandes potências que assistiram anos antes a revolução cubana. No final daquele ano, o mundo assistiria à crise dos mísseis que poderiam ter levado EUA e URSS à terceira guerra mundial.

Mesmo assim, em tempos de bossa nova e crescimento econômico impulsionado pelos investimentos internacionais, o País era um celeiro de possibilidades que os imigrantes como Ara souberam aproveitar como muitos brasileiros não o fizeram. Os problemas no Brasil não chegavam aos pés do sofrimento das minorias na Turquia.

Mas, antes de surgir o empresário, o pai e o marido, havia mais uma cidade na vida de Ara Agopyan. De Istambul para Paris, de Paris para o Rio e da capital carioca para o triângulo mineiro, Ara seguiria agora para Uberlândia, onde conheceria a verdade sobre o tio.

A saga do armênio em solo brasileiro estava apenas começando.



# Capítulo 3

## Uberlândia

## I – A chegada e os contrastes

A Paris do início dos anos 1960 era uma cidade consolidada, com mais de dois milhões de habitantes, entre os quais centenas de milhares de imigrantes, uma vida cultural e urbana intensa, o melhor metrô do mundo, todas as crenças, cores e sabores.

Uberlândia tinha menos de 90 mil habitantes. Era uma cidade com 170 ruas, apenas 12 avenidas, 12 praças, dois clubes, duas salas de cinema e uma economia baseada no beneficiamento de arroz, algodão e criação de gado bovino.

Os quase mil quilômetros percorridos em mais de 17 horas de ônibus entre a Praça Mauá no Rio de Janeiro e a cidade mineira anunciavam uma distância ainda maior entre a pujança da Cidade Luz e a provinciana Uberlândia.

Em outras palavras, o jovem Ara Agopyan deixava a capital cultural da humanidade para adotar como sua primeira cidade no Brasil a pacata ‘princesa’ do Triângulo Mineiro – terra cheia de vontade de crescer, mas muito, muito distante da urbanidade parisiense.

Outra surpresa estava por vir. Ara também descobriria que seu tio, Garabed Agopyan não era o milionário que dizia ser. Seu império estava resumido a uma loja. E o irmão de Hobar, nem de longe, gozava da mesma sabedoria e generosidade do parente armênio.

Ara desembarcou em um marco geográfico importante de Uberlândia. Como descreve o portal da cidade<sup>56</sup>:

Uberlândia é uma cidade que, como muitas, nasceu no entorno de uma capela. Como símbolo de uma comunidade que se pretendia organizada e civilizada, os moradores pediram ao Bispado a permissão para a construção de uma Capela Curada, a ser dedicada à Nossa Senhora do Carmo. Desta forma, construída em adobe e barro nas suas formas mais simples em termos arquitetônicos, ela foi idealizada em 1846.

A capela se transformou em um lindo templo, sede religiosa da cidade até 1941. Dois anos depois, a matriz católica passou a ser a Igreja Santa Terezinha, na Praça Tubal Vilela. No lugar da antiga capela passou a funcionar a rodoviária onde desembarcou Ara.

O transporte rodoviário no início dos anos 60 ganhava força em todo o país. A indústria automobilística nacional abastecia a frota que gradativamente substituiria outros modais como as estradas de ferro.

Uberlândia deve boa parte do seu desenvolvimento à implantação da Estação de Sobradinho da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro que assinou contrato com estado de Goiás, em 1890, para estender sua linha até Catalão.

A Mogiana, como era conhecida essa linha férrea, transportava o café e outros produtos que vinham de São Paulo para o coração do

---

<sup>56</sup> <https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/cultura-e-turismo/historia-de-uberlandia/>



Brasil, passando pelo município de São Pedro de Uberabinha que mais tarde viria a se chamar Uberlândia.

Com as estradas tomando conta dos transportes brasileiros e com o declínio da economia cafeeira, os trilhos passaram a representar mais um incômodo do que uma solução para a cidade. Foi nessa época que Ara conheceu o triângulo mineiro.

Só em 1971 a estação foi desativada e os trilhos foram definitivamente removidos na década seguinte. Ou seja, Ara deixou Paris - uma cidade com um complexo e eficiente sistema de trens e metrô – para viver em um lugar onde os trens representavam um dos maiores entraves para o seu crescimento.

- No trem de Uberlândia a fumaça entrava nos vagões e faíscas queimavam as roupas dos passageiros – recorda Ara.

Depois da perseguição turca em Istambul, das dificuldades e preconceitos sofridos na capital francesa, o jovem esperava um Brasil maior em mentalidade e oportunidades. Mas, deu de cara, com o provincianismo mineiro típico de uma economia em transformação, da lavoura para a indústria, do campo para a cidade.

“Eu andava um pouquinho e estava no trabalho. Caminhava mais um pouco e já estava em casa novamente”, conta o armênio sobre o impacto da sua chegada e dos primeiros momentos na pequena cidade do triângulo mineiro.

Ao longo dos anos, a Uberlândia dos tempos de Ara Agopyan sofreu grandes transformações em termos econômicos, demográficos e populacionais. Em levantamento realizado em 2018 o número de habitantes foi estimado em cerca de 700 mil residentes, com um crescimento na ordem de 21% em uma década.

Em 2020, Uberlândia passou da 6ª para a 4ª posição entre os municípios do interior do Brasil com maior economia, segundo levantamento sobre o Produto Interno Bruto (PIB) divulgado do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Considerando as capitais e regiões metropolitanas, a colocação da cidade no país subiu do 22º lugar em 2017 para o 21º em 2018. O município está à frente de 16 capitais e outros locais importantes como Ribeirão Preto (SP), Santo André (SP), Santos (SP) e Contagem (MG).

- “É um povo muito trabalhador”, reconhece Ara.

## II – A verdade sobre o tio

Ao chegar em Uberlândia, Ara seguiu para a rua Carmo Gifone, 42, no centro da cidade onde morava seu tio. Nem de longe parecia a casa do tal milionário. Era casa térrea confortável e não uma mansão. A casa era proporcional ao papel do irmão de Hobar: um comerciante relativamente bem sucedido.

Ali Ara viveu em um dos quartos, um pequeno cômodo com um guarda-roupa e uma escrivaninha, onde o jovem armênio poderia continuar escrevendo semanalmente suas cartas para a família em Istambul.

Garabed deixou Marselha durante a Segunda Grande Guerra, trazendo consigo sua esposa. Ainda na infância, em função de uma caxumba tratada de forma equivocada, o armênio ficou estéril, o que representava um problema cultural dos mais sérios. Para agravar a situação, sua esposa faleceu.

A relação entre Garabed e Hobar era marcada por um forte complexo de inferioridade do primeiro que via o irmão - com três filhos, querido pela comunidade, figura das mais charmosas e cultas – como um verdadeiro contraste.

Para piorar, Garabed tinha um sério problema de audição e só conseguia se comunicar com o uso de um rudimentar equipamento de amplificação que utilizava.

- Cheguei a ligar a campainha da casa em uma lâmpada, porque ele não ouvia quando tocava – lembra Ara.

Depois da morte da esposa, Garabed passou a se relacionar com Abadhia, brasileira que frequentava a casa, mesmo sem ser legalmente casada com o tio de Ara. A mulher era uma figura que agia nas sombras, alimentando a desconfiança do seu companheiro em relação ao sobrinho.

Sua loja, era a Relojoaria Francesa, na avenida Afonso Pena, perto da esquina com a Praça Tubal Vilela, coração de Uberlândia. O nome do estabelecimento foi um jeito de se diferenciar na cidade interiorana.

Em Uberlândia, ninguém entenderia o que vinha a ser um armênio. Além de Garabed, havia alguns poucos patrícios na cidade, como alfaiate Simpad. Todos pensavam que o tio de Ara, era natural da França. Logo, o sobrinho ganhou o apelido de ‘francês’.

O problema de audição de Garabed era também uma limitação comercial. Ele colocava um caderno no balcão e pedia que os clientes escrevessem aquilo que queriam:

- O que o querido quer? Escreve aqui... – dizia o tio.

Ara passou a ser os ouvidos do tio. Ouvidos que nada conheciam de língua portuguesa, mas, mesmo assim, a linguagem das vendas e da persuasão e sua veia comercial pulsavam mais alto. Em pouco tempo, o próprio comerciante reconheceu que o sobrinho vendia melhor que ele.

- Você tem sorte, dizia o tio que jamais reconheceu os talentos do sobrinho.

Ara acompanhava atentamente os fornecedores da relojoaria, representantes de contrabandistas de joias e relógios, mercadoria invariavelmente pagas com cheques pré-datados e vendidas na loja.

Várias vezes, sugeriu ao tio que fossem para São Paulo, para comprar os produtos na fonte, evitando os atravessadores, com a possibilidade de vender para outros comerciantes, também em Uberaba e Araguari.

- Quando eu morrer você faz – respondia o tio.

Em um dos muitos dias atrás do balcão da relojoaria, Ara recebeu um senhor com três crianças. O balconista estranhou as roupas sujas daquela família que poderia ser confundida com moradores de rua, não fosse pela compra feita.

Aquele homem escolheu nada menos que cinco relógios expostos na vitrine da loja. Perguntou o preço e, sem titubear, meteu a mão no bolso e sacou um pacote de dinheiro vivo para pagar a mercadoria. Curioso, Ara perguntou:

- O que o senhor faz?

- Faço máquinas de arroz – respondeu o desconhecido.

Por óbvio, Ara sabia que arroz não era um produto industrializado. Mas nem desconfiava para que serviria uma máquina de arroz. Também ficou com vergonha de externar sua ignorância sobre o tema.

Um amigo do time basquete levou o ‘francês’ até onde as máquinas funcionavam. Tratava-se de um equipamento simples, para beneficiar o grão, separando-o de impurezas, processo que representava uma atividade das mais promissoras na região.

Localizada em ponto estratégico do território nacional, Uberlândia recebia o arroz produzido no Vale do Rio Doce, beneficiava o

produto e escoava para os grandes centros consumidores, como São Paulo e Distrito Federal.

Ara sugeriu ao tio que investisse naquela ideia. Com sua experiência e algum capital inicial não seria complicado aquele empreendimento. O tio, conservador e sem visão de futuro novamente respondeu:

- Quando eu morrer, você faz.

Minas liderou a produção e beneficiamento de arroz até o início da década de 1980. O Mato Grosso e os Estados da região Sul acabaram por saltar adiante nesse mercado, sobretudo pelo surgimento de pequenos produtores em assentamentos de reforma agrária.

Mesmo com as boas ideias, o jovem não via no irmão de Hobar a oportunidade para crescer, diante da sua postura sempre conservadora e nada ousada, quase o contrário da personalidade do sobrinho.

## **II.1 – Privacidade invadida**

A relação com o tio estava cada vez mais desgastada. Garabed não respeitava nem as ideias nem a intimidade de Ara. Um dos momentos mais críticos envolveu a troca de correspondências do rapaz com a família em Istambul.

A escrivaninha onde Ara escrevia suas missivas era trancada à chave. Maníaco por organização, o jovem mantinha o móvel criteriosamente arrumado. Qual não foi sua surpresa quando abriu a gaveta e notou que as correspondências estavam fora do lugar.

Ara perguntou à empregada se ela havia mexido em seus escritos. A funcionária negou. Astuto, o jovem colocou um fio de cabelo na porta, como armadilha, para confirmar suas suspeitas. E, infelizmente, estava certo.

O tio tinha uma outra chave e revirava sua escrivaninha para ler as cartas e descobrir o que o sobrinho dizia sobre ele para a família no Oriente. Ara mais uma vez conteve sua raiva com o mantra que sempre repetia, desde que deixou Istambul:

- Amanhã vai melhorar!

O tempo passava, mas a relação com o tio só piorava. Ara sentia-se vigiado o tempo todo. Em uma noite, o jovem armênio saiu com uma garota e foi ao cinema. Ao chegar em casa encontrou o tio na sala, lendo o jornal.

- Cinema a essa hora? – questionou o Garabed aos sussurros.

Ara perdeu a compostura, arrancou o jornal das mãos do tio e bradou:

- Eu não minto! Menos ainda para você, porque não te considero.

Garabed empalideceu achando que o sobrinho iria agredi-lo. Ara aprendeu desde cedo o valor da palavra e da verdade. Por isso mesmo, sempre detestou que duvidassem da sua honestidade.

### **III.II Grand Marnier**

Entre os poucos momentos de diversão na cidade, estavam os jogos de basquete do Praia Clube, os filmes de cinema e também uma

coleção de livros policiais franceses que Ara descobriu na casa de Garabed.

Era um modo de lembrar de Paris, acompanhado sempre do licor Grand Marnier, bebida clássica feita nos sabores laranja e tangerina, diferenciados pelos laços de cetim da elegante garrafa de bojo com gargalo longo.

A lenda Grand Marnier nasce no coração da região de Cognac na França, em 1880, onde envelhecem lentamente os conhaques raros. Cascas de laranja selvagem são maceradas no álcool antes de uma longa e criteriosa destilação.

Ara se recorda que um casal de franceses chegou a Uberlândia e o tio recebeu os estrangeiros em casa. Para impressionar, Garbed anunciou uma bebida que eles certamente aprovariam. Quando tentou servir, descobriu que o licor desaparecera.

O gosto pela bebida acompanhou Ara da França ao Brasil, onde mantém sempre uma garrafa para degustar os sabores cítricos dessa iguaria.



### III – A gota d’água

Nos fundos da relojoaria francesa, junto com o estoque, havia uma oficina com todo o tipo de ferramenta para o conserto de relógios. O tio achava que Ara não servia para o serviço porque tinha as mãos grandes demais.

- Uma bobagem! Não são as mãos que consertam, são as ferramentas – argumentava Ara.

O jovem meticoloso rapidamente dominou as técnicas e memorizou códigos de peças de relógios, como o balançador calibre AS1012, componente vendido no centro de São Paulo em lojas especializadas.

A prova de fogo foi o conserto de um Omega automático. O mecanismo era ativado a partir do movimento do pulso. Era como se o miolo do relógio estivesse solto. Seu reparo era uma tarefa complexa para qualquer relojoeiro. Um desses, hoje, pode valer mais de R\$ 20 mil.

Quando o tio notou que Ara estava com o relógio aberto sobre o pano usado nos reparos, ficou desesperado:

- Você vai me levar à falência – disse o Garabed, duvidando da capacidade do sobrinho.

Ara empurrou o tio para fora da pequena sala, fechou a porta e, meia hora depois, concluiu o serviço. O tio mordeu o relógio para sentir a vibração do Omega:

- Não acredito que conseguiu – afirmou, desconfiado.

Não havia uma forma capaz de conquistar a confiança de Garabed. O espírito empreendedor de Ara ficaria para sempre confinado atrás daquele balcão, no que dependesse do tio.

No mesmo ambiente onde Ara consertava os relógios, ficava o cofre da empresa. Naquela época as compras eram feitas usando apenas duas formas: dinheiro ou cheque. E a loja fechava após o expediente bancário. Por isso, toda a movimentação financeira terminava trancada sob o segredo zero para direita e 6 para esquerda.

- Você tirou um cruzeiro do cofre? – perguntou o tio para Ara.

Ara negou, já irritado com a desconfiança embutida no questionamento. Se fosse tirar algo do cofre, obviamente comunicaria o tio. O tempo passou e novamente o tio sentiu falta de um cruzeiro e questionou seu sobrinho.

Um dos funcionários, chamado Oswaldo, encarregado de limpar a loja, usava com frequência a pia que ficava ao lado do cofre, o que despertou a desconfiança de Ara. Esperto, armou uma cilada para o ladrão.

Ara anotou o número de série de cada uma das notas que estavam no cofre da empresa. Em seguida, ligou para Simpad, o alfaiate, e pediu, falando armênio para disfarçar, que segurasse a balconista, chamada Vanda, em sua loja para que ele ficasse sozinho com o suspeito.

Foi para a frente da loja mantendo os ouvidos atentos enquanto Oswaldo fazia a limpeza. Quando ouviu o clique do cofre teve

certeza que havia desvendado o mistério. Começou a inquirir o funcionário:

- Tá faltando uma nota e sei que foi você! – afirmou Ara.

- Pode ter sido qualquer um – retrucou Oswaldo.

- Qualquer um, não! Marquei todas as notas! – respondeu Ara.

Diante da insistência de Oswaldo em não confessar o furto, Ara mandou que o rapaz tirasse a roupa e fez uma revista geral. Percebeu logo Oswaldo era esperto porque nada encontrou com ele. Partiu para a pressão, pegando o sujeito pelo pescoço.

- Te mato se não disser onde está esse dinheiro – ameaçou.

Foi o suficiente para que o empregado tirasse de uma prateleira do mezanino, entre as embalagens guardadas, a nota que roubou toda dobrada. Ara fez com que o ladrão escrevesse uma declaração de próprio punho confessando o crime.

Quando Garabed chegou, Ara revelou a descoberta mostrando o documento assinado por Oswaldo.

- Ahhh então foi ele? – disse o tio.

- Achou que fosse eu? – questionou Ara, dessa vez com o tio pelos colarinhos.

Essa foi a gota d'água que fez transbordar a paciência de Ara Agopyan com o irmão de Hopar. Quando anunciou que partiria. O tio, de pronto, afirmou:

- Você acabará voltando para me pedir perdão!

- É você quem me chamará de volta! E não retornarei! – respondeu o sobrinho.

### **III.I – São Paulo à vista**

Pelo acordo inicial que fez Ara deixar Paris para viver no Brasil com Garabed, ele poderia voltar para França, uma vez que desistira do emprego, depois de tanta pressão e desconfiança que sofreu. Mesmo assim, rasgou a carta com a passagem de navio prometida e nada cobrou.

Durante esse período, Ara conheceu um vendedor judeu egípcio, de passagem por Uberlândia. Em conversa com o rapaz, anunciou seu desejo de deixar o trabalho e a casa do tio. O amigo disse que seu patrão teria um emprego.

Na avenida Angélica número 1205, Ara encontrou Izaak Ezdra, dono da empresa Saltel, distribuidora de produtos para papelaria, escritório, engenharia e arquitetura. Começava ali mais um capítulo da vida daquele jovem armênio.

De Uberlândia, Ara guardaria a lembrança dos jogos de basquete no Praia Clube, do povo trabalhador e esforçado daquela cidade e da única boa herança deixada pelo tio: foi por intermédio de Garabed, que ele conheceria o amor da sua vida, a jovem Rosa, história que será contada com detalhes em breve.

### **III.II – A herança de Garabed**

O velho Garabed perdeu aquele que poderia levar seus negócios a outro patamar se tivesse confiado o suficiente no sobrinho. Anos depois da sua partida, já estabelecido em São Paulo, chefe de família e empresário, Ara recebe um telefonema de Uberlândia.

Garabed estava com câncer de próstata e precisava de uma cirurgia que custava cinco mil cruzeiros. Ara trouxe o tio para Mairiporã, para que fosse operado pelo seu cunhado. O tio queria que Abadhia ficasse em Uberlândia, mas Ara fez questão que ela viesse também.

- Se eu ficar doente é a minha mulher que vai limpar minha bunda! Mais ninguém! – argumentou o sobrinho que financiou o tratamento do tio.

Em outra ocasião, foi a vez de Abadhia ligar informando que a joalheria não estava vendendo nada. A mulher dizia que Garabed estava doente e que precisava vender o estabelecimento para poder se sustentar no final da vida.

Com o filho ao lado, Ara pegou seu fusquinha e seguiu para Uberlândia, direto para a loja. Ele sabia onde o tio guardava o caderno onde estavam anotadas suas dívidas. Pediu que uma funcionária somasse os produtos à venda na loja e constatou que o tio devia mais do que tinha para vender. Em outras palavras, estava falido.

Ara partiu para uma loja de roupas que pertencia a um libanês. Foi recebido de braços abertos pelo proprietário, chamado Ciro. Disse que estava interessado em vender a loja do tio e queria ter uma ideia de quanto valeria o ponto. O comerciante avaliou que 35 mil **(((precisamos descobrir a moeda da época)))** era um ótimo valor.

Um outro comerciante, chamado Alceu, de péssima fama, tinha uma loja que fazia fundos para a joalheria francesa. Sempre quis o ponto de Garabed para ampliar seu comércio o que permitiria duas entradas. Ara pediu 90 mil pelo ponto com porteira fechada, ou seja, com tudo que havia dentro.

O negócio foi concluído e pago com três cheques. Ara juntou ao pagamento outros 100 mil do próprio bolso e entregou tudo para o tio que prometera deixar a casa em testamento para o sobrinho:

- Agora comprarei com esses 100 mil a casa que é minha por direito – anunciou Ara.

- Você vai me chutar de casa? – perguntou o tio.

- Claro que não! – garantiu Ara.

Para melhorar a situação, Ara ainda trocou os três cheques pré-datados por um que preencheu depositado em seguida. Com 190 mil aplicados, naquela época, o tio poderia viver confortavelmente apenas com os rendimentos do dinheiro.

Abadhia encheu um saco de pães de queijo que Ara e o filho comeram durante o retorno para São Paulo. “Minha esposa sempre falou que o polvilho de lá era diferente, muito melhor”, lembra Ara. Seria o último encontro com o tio com vida.

Os anos se passaram e várias vezes a família pressionou Ara para checar a situação da casa do tio em Uberlândia, já que o tal testamento nunca foi apresentado. O sobrinho, por sua vez, sempre disse que o imóvel acabaria ficando para Abadhia, o que confirmaria que a palavra empenhada por Garabed de nada valeria.

Alguns anos mais tarde, Abadhia ligou comunicando o seu falecimento. Ara, fechou a loja, colocou a família no carro e partiu para Uberlândia. Na rodovia Anhanguera, tentou abastecer, mas, naquela época, os postos estavam fechando a noite, em função de um racionamento de combustíveis.

Para piorar a situação, Ara foi parado por uma viatura da polícia rodoviária por excesso de velocidade.

- Estou indo para o velório do meu tio. Posso provar. Se você me segurar, quando for liberado, vou correr mais ainda – argumentou Ara.

Acabaram conseguindo viajar com o combustível disponível e sem a polícia no pé. Quando chegaram a Uberlândia, Garabed estava perto de ser sepultado.

No cartório da cidade, ao lado do cinema, Ara constatou o que sempre disse que iria acontecer. Em um livro enorme, ficou registrado que, de posse das suas faculdades mentais, Garabed deixava a casa para Abadhia, exatamente como profetizou o sobrinho.

Ara e a família se hospedaram no Hotel JK e passaram mais três dias em Uberlândia revendo amigos que lembravam com carinho daquele 'francês', jogador de basquete, bom de bola e ótimo vendedor.





# Capítulo 4

## Ara trabalhador



## I – As viagens pelo interior do país

Ao chegar em São Paulo, Ara seguiu direto para o bairro de Higienópolis, na Avenida Angélica, para encontrar com seu novo patrão Isaac Ezra, comerciante judeu, dono da distribuidora Sartel de material de papelaria para arquitetos e engenheiros.

Esse primeiro endereço de trabalho na capital paulista não poderia se em um bairro que melhor simbolizasse o desenvolvimento da cidade. Higienópolis é uma região ocupada desde o século XVI pela vanguarda da sociedade.

A partir dos anos de 1940, a imigração judaica fez de Higienópolis um dos seus refúgios. O bairro abriga cerca de 40% dos judeus paulistanos, com mais de 12 mil pessoas da comunidade, como era o caso da família Ezra, de origem egípcia.

À época da chegada de Ara, a empresa estava em uma fase de balanço, uma boa chance para que o armênio conhecesse os produtos que passaria a vender.

- Para mim era moleza, porque já fazia inventários de estoques em lojas de Istambul – lembra Ara.

A organização, sempre no período da manhã, seguia um padrão simples e eficiente. Na pilha de folhas de papel almaço, por exemplo, Ara fixava um exemplar com o nome do produto escrito à mão e a quantidade. Em pouco tempo, o vendedor conheceria características, preços e quantidades de tudo o quanto havia na empresa.

Nessa primeira fase, ainda era possível para Ara trabalhar como eletricista, atividade que sempre lhe rendera um dinheiro extra por onde quer que tenha passado.

### **I.I – Belo Horizonte: o primeiro destino**

A exemplo do colega responsável pela indicação do trabalho, Ara ganharia as estradas para vender os produtos da empresa e conhecer o interior de um País cheio de contrastes, histórias e mistérios.

Belo Horizonte seria seu primeiro destino. Ara questionou:

- Qual a distância?

- Uns 500 quilômetros – respondeu o dono da empresa.

- Não tenho dinheiro para chegar lá – argumentou o novo vendedor.

O patrão emprestou a verba para passagens de ônibus e despesas dessa missão inicial. Ele teria como comissão 10% para vendas no atacado e 20% para as negociações de varejo.

O patrão sabia como negociar seus produtos. Mesmo com os custos de frete, seu preço era competitivo e com um vendedor como Ara, as vendas tendiam a crescer.

Esperto e viajado, o armênio sabia como vender mais, gastando menos. Ao chegar na capital mineira procurou a região do meretrício.

- Quanto mais próximo da prostituição, mais barato é o hotel – explica, Ara.

O armênio ficou encantado com BH, cidade planejada, munida do primeiro anel viário brasileiro, a rua do Contorno - como diz o nome, uma avenida que circunda a cidade que tem no seu coração a Praça da Liberdade onde fica a antiga sede do Governo do Estado.

O desempenho de Ara superou o antigo representante que atendia aquela região. O funcionário começou a chamar a atenção de Ezra que passou a enviá-lo para cidades do interior do Estado de São Paulo.

Ara viajou para a região de Franca e Batatais, cidades da região Nordeste do Estado, conhecidas pela forte produção de calçados. Esse processo de industrialização mudaria a face do promissor interior paulista. Novamente, o desempenho de Ara superou as expectativas do seu patrão.

- Agora eu vou te mandar para uma mina de ouro! – prometeu o judeu.

Ezra se referia às regiões Norte e Nordeste do Brasil, pedaço pouco explorado que representava um verdadeiro eldorado de oportunidades para comerciantes atentos e com vontade de trabalhar.

O ano era 1963. Acabava de ser criada a SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), uma iniciativa do Governo Federal para desenvolver economicamente e socialmente a região, com projetos de irrigação, capacitação agrícola e desenvolvimento industrial.

Mesmo com gigantescas diferenças socioeconômicas ente Nordeste e Sudeste, o Brasil era um País disposto a crescer e se desenvolver

em outros eixos. A vida nos caminhos para o Norte era uma aventura sem precedentes.

Campo Grande (MS), Cuiabá (MT), Corumbá (MS), Guajará Mirim (RD), Porto Velho (RD), Rio Branco (AC), Santarém (PA), Manaus (AM), Macapá (AP), Belém (PA) e Brasília (DF). Essa era uma das muitas rotas daquele representante de vendas.

Para quem conhece minimamente o Brasil, é fácil supor que há quase 60 anos esse não era exatamente um caminho fácil, sobretudo quando trilhado em terra, por estradas tortuosas e extremamente arriscadas.

Se Ara tivesse um capital maior, poderia investir um pouco e, conseqüentemente, ganhar muito dinheiro com o Brasil daquele momento. Sem proteção trabalhista, um representante dependia da sua capacidade de deslocamento e venda.

Em Santarém, em um dos raros momentos de descanso, Ara resolveu caminhar a noite pela cidade. Ao chegar na Praça, ficou constrangido e retornou:

- Só havia gente baixinha na cidade – conta.

No dia seguinte, entrou em uma loja e se deparou com um comerciante grego. A loja vendia de tudo um pouco, de pregos a roupas. Era um tipo comum de comércio na época, apostando em várias frentes de negócios simultâneas.

- Se colocasse merda enlatada, vendia! – constata, Ara.

Observador, o armênio reparou algo destoante nos fundos da loja. Era uma balança romana de precisão. O que aquele equipamento

faria naquele lugar? O grego mostrou então um cofre dos grandes, lotado de ouro de garimpo.

O garimpo de ouro no País não era novidade. Desde o império, a atividade faz parte da cultura econômica extrativista do Brasil. Das cidades históricas de Minas (Ouro Preto, Mariana e Diamantina) a atividade se deslocou para o Norte.

As áreas de maior ocorrência de jazidas estão são a Serra Pelada, o vale do rio Tapajós (PA), rio Tocantins (TO) e vale do rio Madeira (RD). A atividade é desempenhada quase sempre com grande impacto ecológico causado pelo uso do Mercúrio.

Em Santarém, o lucro daquele comerciante grego era de quase 80 por cento, sem um centavo de tributação, até porque não havia nenhuma fiscalização presente na região. O único lugar onde fiscalizavam alguma coisa era e Guajará Mirim, uma cidade das menores, onde tinha um sargento atuando na aduana.

Essa vida de viajante tinha poucos momentos de descanso. Quando retornava para São Paulo, ficava hospedado na Rua Aurora, em um hotel instalado num antigo celeiro de cavalos. As portas eram cortadas na metade, como lembra o viajante.

O hotel ficava de frente para o terceiro distrito policial da capital. A noite paravam quase todos que passavam por ali:

- Nunca me pararam, porque acho que não tinha jeito de bandido – afirma Ara.

Os Estados nordestinos também estavam na rota de Ara Agopyan. Só na Bahia, o percurso incluía Ilhéus, Itabuna, Itapetinga, Feira de Santana, Salvador, Jequié e Juazeiro. No Ceará, Ara gostava muito

da capital Fortaleza e chegou a vender na terra da família Gomes, em Sobral.

As viagens aconteciam quase sempre a bordo de um clássico da aviação: o Douglas DC4<sup>57</sup>, um barulhento quadrimotor de longo alcance, produzido para o uso militar. Em 1945, com o fim da II Guerra, as aeronaves não utilizadas foram convertidas para o uso civil e vendidas para muitas companhias aéreas<sup>58</sup>.

Em Teresina (PI), Ara chegou a conseguir fazer uma venda que lhe rendeu uma comissão de 500 cruzeiros, uma fortuna para ele. Seu equipamento era um bloco de pedidos e um conjunto de amostras, entre elas dois grampeadores em uso até hoje.

## **I.II – A poupança para o casamento**

Todas as despesas das viagens de Ara eram por conta dele. Passagens, alimentação, hospedagem, enfim, o representante tinha que tirar das suas comissões todos os custos operacionais, o que começou a incomodar.

Em Rio Branco, capital do Acre, Ara ficava hospedado no Hotel Chuí, com mais nove ou dez homens em um mesmo quarto:

- Um peidava, outro roncava, sem falar aqueles que chegavam bêbados – lembra Ara.

O vendedor resolveu arriscar. Levou a questão ao seu patrão. Disse que as despesas estavam superando os ganhos e não faria sentido

---

<sup>57</sup> A Boeing produziu, ao todo, 1.240 unidades do DC4.

<sup>58</sup> O piloto de um desses aviões chegou a fazer um pouso heroico, em 1957, no mar do litoral Norte de São Paulo, próximo a São Sebastião. Os 38 passageiros sobreviveram ao acidente. A aeronave continua onde pousou, agora no fundo do mar.



continuar com a representação. O judeu ofereceu 11% de comissão para o atacado e 22% no varejo - um aumento acumulado de 10%.

- Não vou me prostituir por tão pouco – respondeu Ara.
- Eu pago a passagem – acenou o patrão.
- Viajo amanhã – fechou o representante.

Era exatamente o que Ara queria. As passagens eram o maior custo e agora seriam financiadas pelo patrão.

Ara também atuava como cobrador, no seu retorno aos clientes. Recebia em dinheiro. Como sempre economizava ao máximo na hospedagem, uma das suas maiores preocupações era com a guarda do dinheiro.

A solução encontrada foi das mais criativas. Ara colocava o dinheiro dentro das meias que, por sua vez, eram escondidas na fronha do seu travesseiro. Pela manhã, era só pegar a meia de volta com o dinheiro em segurança.

A essa altura, Ara e Rosa já estavam noivos. Era preciso investir na nova vida que começaria em breve e o representante encontrou uma alternativa engenhosa.

Na volta de uma viagem para o Nordeste, Ara confessou que teria dois vícios: mulheres e jogos de azar. Disse ao patrão que todo o dinheiro do pagamento dos clientes tinha sido consumido durante a viagem em jogatina e prostituição.

Como havia muita comissão a receber, Ara pediu ao patrão que descontasse o valor dos seus vencimentos e, sem que o judeu soubesse, comprou tudo o que precisava para o casamento com o tal dinheiro de apostas.

- Compramos geladeira, fogão, móveis, enfim tudo para a nova casa – revela Ara.

Tirando a irritação inicial, o patrão perdoou o suposto jogador e chegou a ser convidado para o enlace. Aquela foi a última viagem de Ara como representante, para alegria de Rosa que teria uma casa mobiliada e um marido mais presente.

Das viagens como representante restou o reconhecimento dos meandros de um País que, anos mais tarde, também reconheceria Ara como cidadão brasileiro.

Outro Izaac Ezra vive hoje em Higienópolis. É filho de Maurice Ezra e neto do velho Izaac de quem herdou o nome. O rapaz é sócio da ShopBack empresa especializada em retenção de clientes nas vendas pela internet.

Saem os papéis, chegam os transistores....



## II – Tubos não ferrosos

Desempregado, Ara começou a procurar novas possibilidades de trabalho em São Paulo, sempre na área de vendas, sua especialidade. Mas não estava fácil. Em uma empresa que fabricava produtos de limpeza, não conseguiu prosseguir por falta de um automóvel.

Ara também recusou uma oferta de trabalho como supervisor de vendedores no Nordeste, local que, em função da sua experiência como representante de material para papelaria, ele conhecia como a palma da mão.

- Mas a Rosa não queria que eu voltasse a viajar – explica Ara.

Em seguida, viu um anúncio para uma vaga na rua Margarida, número 65, no bairro da Barra Funda. Logo foi posto diante de um gerente de vendas, rapaz jovem com cerca de 35 anos.

- Trabalhamos com não ferrosos. Você conhece nosso ramo? – perguntou.

Ara não conhecia. Os metais não ferrosos são todos aqueles que possuem uma empregabilidade na indústria ou na engenharia, mas que não contém o elemento ferro, como alumínio, latão, cobre e chumbo.

Desanimado o gestor estava prestes a dispensar o armênio por falta de experiência no ramo. Ara, não aceitou a negativa:

- Quando o senhor começou a trabalhar com isso já conhecia essa área? – perguntou.

- Não – respondeu o rapaz.

- Então eu também posso aprender sobre o material que vocês comercializam – argumentou o armênio, com sangue de vendedor correndo nas veias.

Após a conversa, Ara forneceu o número do cunhado como contato, uma vez que não tinha telefone, artigo de luxo naquela época. Alguns dias depois, a empresa chamou novamente o candidato. Estava empregado.

A companhia existe até hoje. É a Cecil, distribuidora de tubos e placas de metais não ferrosos, fundada em 1961. Em 1970, se uniu com Fundação de Laminação de Metais Langone, gigante do setor, inaugurada nos anos de 1940.

Desde 1973, a fábrica da Cecil, com 111 mil m<sup>2</sup> funciona em Itapevi, na região da Grande São Paulo. Produz anualmente mais de 110 mil toneladas de produtos de cobre e suas ligas. A produção observa normas internacionais de sustentabilidade com certificação ISSO 9001.

Mas naquela época era apenas uma pequena distribuidora dessa matéria-prima. Ara foi apresentado para uma lista de produtos e preços, além de uma relação de clientes que deveriam ser procurados. Hora de gastar sola de sapato e aprender sobre esse novo mundo que se abria.

A bordo do bonde que ligava a região central com a zona Oeste de São Paulo, Ara desembarcava próximo à Estação de trem da Lapa, até hoje em funcionamento. Só nesse pedaço da cidade havia três clientes da Cecil, entre os quais uma metalúrgica e um fabricante de brinquedos.

Em seguida, a pé, voltava para a avenida Pompéia, seguindo pelo bairro da Lapa e suas alamedas. No trajeto, atendia pequenas indústrias fabricantes de peças automobilísticas em latão e cobre.

Um dos clientes da Cecil era a suíça Brown Boveri, instalada na Avenida dos Autonomistas, em Osasco, cidade da região metropolitana de São Paulo. Às terças e quintas feiras eram os dias de atendimento deste cliente especial pelo seu porte e importância.

A Brown Boveri está presente no Brasil desde a década de 50, e participou do fornecimento de equipamentos para grandes obras públicas, inclusive os geradores da usina hidrelétrica de Itaipu – os maiores do mundo até então.

Ara se deparou com um pedido considerado muito grande para o padrão das vendas da época. A encomenda totalizava dez chapas de cobre com dois metros por um e uma polegada de espessura.

No rodapé do pedido uma cláusula importante. A cada dia de atraso no fornecimento seria descontados um percentual do valor, por tratar-se de um material que seria usado para o fornecimento de transformadores para usinas cujos prazos, deveriam ser cumpridos à risca.

Ara se recorda dos comboios de transporte dos transformadores que usavam as chapas compradas pela Brown Boveri. Eram gigantescos caminhões que puxavam carrocerias em forma de plataformas, sempre em baixíssima velocidade, causando por vezes congestionamentos em rodovias.

O patrão aceitou o pedido, confiante no sogro, proprietário de uma fundição que poderia fabricar o material. Mas, o prazo não foi

cumprido. A Cecil tentou negociar diretamente com o cliente mas não conseguiu e a multa foi aplicada. Foi um prejuízo gigantesco.

Pouco tempo depois, outra crise se abateu sobre o setor. Laminações que não aceitavam pedidos abaixo de 200 quilos passaram a atender diretamente esses clientes, fato que quase levou a Cecil à falência. Ara e muitos outros funcionários estavam demitidos.

O destino, entretanto, foi caprichoso com esse armênio. Sua próxima experiência profissional seria no mercado onde Ara faria história. O mundo têxtil estava à sua espera.

### III – O Brás na vida de Ara Agopyan

Em uma das andanças de Ara Agopyan por São Paulo em busca de clientes para os metais não ferrosos, seu destino era uma fábrica de instrumentos musicais em latão, na região do bairro de Ponte Pequena. No caminho, visitou um amigo de Istambul que também se chamava Ara.

Na sua terra natal, o amigo frequentava uma escola americana que não era reconhecida pelo Ministério de Educação daquele país. Por isso, no último ano, o xará foi transferido para onde estudava Ara, com o objetivo de obter um diploma oficial.

Seu pai era um importante produtor de peles de animais. Armênio dos mais ricos da época.

- Eles mal olhavam para a nossa cara – lamenta Ara.

Os anos se passaram e os imigrantes se encontraram no centro de São Paulo. Naquela tarde, o colega estava no escritório de um depósito de meias, em um mezanino no Vale do Anhangabaú, quando, vendo Ara passar, chamou o patrício.

- Onde está indo? – perguntou.

- Vou visitar um cliente – respondeu o representante.

- É importante? – questionou o amigo.

- Não. Posso deixar para outro dia... – argumentou Ara, curioso para saber o que seu amigo lhe reservara.

Entraram no carro do comerciante. Era um modelo americano que chamava a atenção. Fora comprado no consulado americano.



Provavelmente um Ford Thunderbird, modelo criado para competir com o esportivo Corvette da GM.

Nos anos de 1960 muitos carros importados em bom estado circulavam nas ruas de São Paulo. A indústria automobilística que chegou na década anterior ainda não tinha dado conta de ocupar as ruas e estradas do País com modelos nacionais.

Na rua Oriente, esquina com rua Miller, havia uma loja cheia de meias, lingerie e pijamas.

- Comprei essa loja junto com o prédio e quero você trabalhando comigo – contou o patrício.

- Mas eu não sei nada disso. Sou um eletricista – respondeu Ara.

Mal sabia que o mundo têxtil seria sua casa e o Brás, em especial, o quintal de uma vida para aquele Agopyan. No dia seguinte, Ara retornou para a loja onde começou o levantamento do estoque.

O amigo tinha dois funcionários de confiança que auxiliaram Ara nessa tarefa: um senhor vindo da Armênia e o outro que era o gerente da loja do Anhangabaú.

- Começamos a contagem favorecendo meu futuro patrão – conta Ara.

Um descendente de palestinos percebeu a diferença e tiveram de recontar a mercadoria até chegar a um acordo.

### **III.I O primeiro dia de trabalho no Brás**

Quando Ara retornou à loja, na segunda-feira seguinte, já tinha as chaves na mão. Abriu uma das quatro portas com o cadeado para o lado de fora. Naquele ponto de esquina, as outras três portas eram abertas por dentro.

- Rezei e comecei a trabalhar – lembra Ara do seu primeiro dia em um balcão do Brás.

Organizado e bom de cálculo, Ara começou a estruturar aquele ponto comercial. Quando os clientes perguntavam o preço das meias, por exemplo, recebiam como resposta o valor de 12 unidades. Perguntavam então o preço unitário. Os vendedores não sabiam responder. Ara tem os números na ponta da língua até hoje:

- Se a dúzia era 14,40, o valor unitário era 1,20. Para 15,60, a unidade era 1,30 e assim por diante – explica Ara.

Para facilitar a vida dos vendedores, Ara criou uma tabela de conversão a partir dos produtos mais baratos, vendidos a 5,60 a dúzia, com a divisão pronta. Cada vendedor ganhou uma lista.

Ara também ensinou o cálculo de porcentagens para os vendedores conseguirem calcular suas comissões e ganhos. Ele próprio ganhou um percentual sobre os lucros da empresa e tornou-se gerente.

### **III.II O padrinho e a madrinha**

Ara tinha acabado de casar com Rosa e o patrão e amigo foi padrinho do casal. Rapidamente, se revelava a diferença gigante entre a generosidade do amigo e a mesquinhez de sua esposa. O presente de casamento, um bom exemplo, foi o dormitório do casal.

A cama e os armários chegaram. A qualidade era evidentemente questionável. O guarda-roupa nunca fechava as portas, sempre tortas. A cama quebrou no meio de uma madrugada para a surpresa dos noivos.

- Levantei a cama e coloquei livros nos pés como apoio – lembra Ara que consertou o móvel com pregos de construção.

Em visita aos afilhados, o padrinho quis ver seu presente. Era visível nas suas expressões a raiva que sentia quando percebeu que os móveis estavam aquém do que imaginava que fora comprado por sua esposa.

Questões pessoais a parte, a loja do padrinho de Ara funcionava como um relógio. Eram cinco balconistas. Ara, como gerente, focava suas atenções no atendimento do atacado. Chegava a atender uma dúzia de clientes simultaneamente.

- Tínhamos todas as marcas, de primeira à terceira qualidade – conta Ara.

O patrão era um excelente comprador. Na região de Juiz de Fora, conhecia cada oficina com suas máquinas circulares. Negociava tudo na base do cheque pré-datado, instituição como forma de pagamento de um Brasil com uma economia muito informal, por regra e cultura.

### **III.III O Brás dos anos 60**

O Brás da época ainda era dividido por etnias árabes como armênios, libaneses, sírios e palestinos que, por sua vez, compravam de confeccionistas judeus instalados no bairro vizinho, o Bom Retiro. Anos mais tarde, os coreanos viriam a se juntar a esse universo, mudando toda a história daquele pedaço de São Paulo.

Essa cadeia produtiva muito particular era fundada na confiança, no chamado 'fio de bigode', expressão usada para designar a palavra empenhada. Quando alguém saía da linha, perdia a confiança de todos os produtores e lojistas e caía no ostracismo, em uma espécie de Serasa informal, mas muito eficiente.

Em comum a esse grupo de estrangeiros além dos idiomas falados nas esquinas, do consumo de cortes especiais de carne, de igrejas, sinagogas e mesquitas, estava a aversão pelos impostos. Driblar o fisco era uma missão diária, em busca de melhores margens e rentabilidade.

Outra característica era o fato do bairro atender o atacado e o varejo com políticas de preços diferenciadas, atraindo compradores do interior de São Paulo e dos principais centros de comércio do País. Cada uma daquelas portinhas se traduzia em um sofisticado sistema de compra e venda de mercadorias que fazia a economia girar.

Nesse organismo, o caixa era o órgão mais sensível, sempre nas mãos do dono ou de alguém de extrema confiança. Sem computadores para controlar estoques com milhares de itens, a honestidade do homem do dinheiro era fundamental para a saúde do empreendimento.

Ara acumulava entre suas funções, a responsabilidade pelo caixa. De olho nessa dinâmica e constatando que atacado e varejo mereciam atenções diferentes, o gerente pediu ao seu patrão que contratasse alguém para substituí-lo à frente da gaveta de dinheiro.

Pouco tempo depois, o patrão encontrou uma solução. Conheceu um patrício com mais de 70 anos, antigo industrial calçadista<sup>59</sup>, muito bem recomendado que passaria a cuidar do dinheiro na loja.

Uma das funcionárias, chamada Vicentina, estava entre as mais aplicadas da equipe. Ara ensinou tudo o que sabia a ela e fez questão de prestigiar seu casamento. A vendedora tornou-se uma figura grata e dedicada.

Ara percebeu que algo incomodava Vicentina, após a chegada do novo caixa.

- O que está acontecendo? – questionou Ara.

- Não tenho nada! – respondeu apressada.

- Agora você confessou que tem algo acontecendo! – afirmou Ara.

O gerente chegou a ameaçar a funcionária. Sua intuição dizia que havia algo muito errado no ar, do mesmo modo como aconteceu no banheiro da academia militar turca, onde Ara e um amigo quase foram espancados.

- O caixa está roubando – revelou Vicentina.

Ara morava no número 378 da rua Oriente. A loja ficava no número 451 da mesma rua. Esses quase cem metros de distância, Ara percorria em um pulo quando Rosa terminava o almoço. Em menos de meia hora estava de volta. Tempo suficiente para o ladrão agir.

---

<sup>59</sup> Os armênios da primeira diáspora, desenvolveram uma próspera indústria calçadista entre o centro e a zona norte da cidade de São Paulo.

Quando comunicou o fato ao patrão, ganhou a incumbência de resolver o problema. O comerciante não queria lidar com um patrício que roubava – situação constrangedora que levaria vergonha para toda a comunidade.

Experiente, Ara começou a fechar o cerco contra o ladrão. Comparou o valor vendido com a mercadoria que saía e constatou a diferença. Em seguida, em uma manhã, marcou o número de série das notas no caixa, como fizera em Uberlândia, em um caso parecido.

- Fingi que estava saindo para o almoço e retornei rapidamente – revela Ara.

O larápio estava com o produto do roubo nas suas mãos. Tentou esconder, mas não teve jeito. Os 10 cruzeiros faziam parte do dinheiro registrado nas anotações do gerente. Foi uma confusão das grandes.

Ara chamou como testemunha um outro armênio que trabalhava na loja, fugido do comunismo no seu País. O rapaz tentou se esquivar, mas não conseguiu:

- Aqui não é comunismo, não, garoto. Se alguém tá roubando temos que entregar – ordenou o gerente, diante de uma equipe trêmula com o ocorrido.

Para neutralizar os argumentos do armênio desonesto, Ara ameaçou:

- Nesse domingo, na missa, vou gritar do alto da escadaria que você é um ladrão!

Ara não esperava a resposta do patrício:

- Faça isso e revelarei tudo o que foi vendido sem nota para a Receita Federal!

No mesmo momento, Ara pagou o que era devido como rescisão do funcionário sem outras sanções pelo roubo. Quando preenchia o cheque, recebeu uma ligação do patrão dizendo que o caixa deixaria o emprego em breve.

- Você não pediu para que eu resolvesse o problema? Então está resolvido! Ele está saindo – informou o gerente.

O caixa era seu vizinho. Morava no quinto andar do prédio ao lado. Rosa era amiga de sua esposa e já notava que o padrão de consumo do casal não era condizente com os ganhos daquele armênio.

Ele, por sua vez, dizia que tinha vendido as máquinas da velha fábrica de calçados e, por isso, conseguiu um dinheiro a mais. Entretanto, os equipamentos estavam sucateados e valiam, se muito, seu peso em metal.

O caixa chegou a emprestar dinheiro para dois patrícios que nunca devolveram os valores. O que entrou fácil saiu mais fácil ainda e o sujeito terminou endividado.

Para piorar, o dono da loja que funcionava no prédio onde morava o armênio resolveu atear fogo no próprio negócio para receber o dinheiro do seguro. O incêndio foi terrível. As cortinas do apartamento viravam cinza com um toque. Mesmo assim, o casal sobreviveu....

Dias depois, o armênio passou em frente ao seu antigo emprego com a pele do rosto vertendo pus. Havia contraído uma infecção quando se barbeava.

- Percebi que aqui se faz, aqui se paga – comenta Ara.

### **III.IV Caribe**

Uma das marcas mais importantes comercializadas no Brás era a Karfina. Essa era a marca de uma das mais importantes indústrias têxteis do continente, a Karibe. De propriedade de judeus alemães sobreviventes do holocausto, essa fábrica era um símbolo do Brás.

A marca Karibe era exclusiva para varejo, vendida principalmente na capital. O atacado era abastecido por Karfina, com uma ou duas lojas credenciadas por cidade. Uma estratégia muito moderna à época para manter os dois canais ativos.

Esse complexo industrial funcionava em um prédio de esquina de seis andares na rua Xavantes. O patrão ia a pé até o fornecedor e voltava satisfeito com a compra de milhares de peças de um mesmo item da marca.

A compra seguia esse modelo em uma negociação de exclusividade. Ou seja, a indústria desaguava todo o estoque daquele produto e o comerciante tinha um preço melhor para revender. Ara, alertou o patrão:

- Por que ao invés de comprar um 10 mil peças de um produto só, não selecionamos quantidades menores de vários itens?

- Se você sabe comprar melhor então compre! – respondeu o comerciante.

Era tudo o que Ara queria. Seguiu até o prédio na rua Xavantes, onde foi recebido por um dos sócios, o senhor Dorf, e se



apresentou como o novo comprador da empresa. No sexto andar, onde hoje funciona um enorme estacionamento, era o estoque dos produtos de confecção.

- Do lado direito, ficavam os produtos de primeira e do lado esquerdo os de segunda, com pequenos defeitos – recorda Ara.

Tudo era separado em carrinhos metálicos por números. Ara foi selecionando seu pedido a partir do que conhecia em termos de saída de produtos versus a sua numeração. A nova estratégia chamou a atenção do fornecedor:

- Vocês dois se chamam Ara, mas você compra bem melhor que o seu patrão – avaliou Dorf.

Aos poucos, Ara ía ganhando a confiança daqueles que eram as figuras mais poderosas da indústria têxtil da época.

### **III.V Sorte e trabalho**

Seu patrão, por outro lado, contava com a sorte ao seu favor, como lembra Ara que encontrou o xará chupando o polegar encostado em seu carro, em frente à loja, como fazia sempre que ficava tenso.

- O que você tem? – perguntou Ara.

- Ganhei na esportiva e quero ver se estou sozinho no prêmio – respondeu.

Com o prêmio, comprou outros dois imóveis e alugou mais um na rua Oriente. Para o empregado, entretanto, restava apostar no trabalho.

Ara se recorda que chegou a preencher um bilhete da mesma loteria com apostando em uma vitória do Juventus, pequeno time

da Moóca, contra o Santos<sup>60</sup> de Pelé e Pepe, uma das maiores equipes de futebol de todos os tempos. E acertou!

- Ara você fez os treze pontos – anunciou um dos funcionários.

Foi quando percebeu que apenas preencheu o bilhete, mas não jogou de fato. Sorte e trabalho eram princípios que sempre colocaram os dois amigos do mesmo nome em lados diferentes da vida.

---

<sup>60</sup> Aquele armênio que chegou ao Brasil nos anos 60 lia os jornais em português tentando converter o texto para o francês, esse sim um idioma que tinha fluência. O Santos era notícia diariamente, o que fez Ara tornar-se um entre muitos santistas dessa geração.

## IV – De empregado a empresário

Com as novas aquisições do patrão foi preciso derrubar paredes para unir as lojas vizinhas e era Ara o encarregado para descer a marreta e ampliar a loja.

Um mês depois, Ara era requisitado para voltar à esquina e resolver problemas do dia a dia. Vendedores faziam pacotes de meias vazios e deixavam na rua para se divertir com transeuntes que achavam ter encontrado um prêmio no meio da rua.

Ele era a alma do negócio e o patrão parecia cada vez mais perdido. Dinheiro não faltava. Ara se recorda que ao final de um balanço, quando a esposa soube o tamanho da retirada do marido chegou a cair da cadeira onde estava sentada.

Novamente chupando o dedo, o patrão resolveu fechar suas lojas mais cedo, pecado que comerciantes do Brás não cometem com frequência. Percebendo a tensão Ara questionou:

- O que está acontecendo?

- Vou passar essa loja para você! – anunciou.

O jovem armênio ficou pasmo como a notícia. Não sabia o que dizer. O patrão ofereceu o ponto e seu estoque em troca de um gigantesco aluguel de 23 salários-mínimos mensais. A dívida também passaria para o futuro dono.

- Me dá um dia para pensar – pediu o gerente prestes a se tornar patrão.

- Por quê? – perguntou o patrão.

- Amanhã também respondo o porquê!

Em casa pediu que Rosa o deixasse em paz e silêncio. Recusou o jantar e a conversa com os filhos. Tinha que digerir aquela nova realidade. Era a maior oportunidade da sua vida, mas os riscos não eram menores.

Depois de uma noite praticamente em claro, concluiu que se não tivesse crédito quebraria rápido. Jamais conseguiria conduzir o negócio apenas com o giro do balcão. Era preciso comprar mercadorias, pagar salários e despesas fixas.

Recorreu então a quem poderia ser o lubrificante para fazer aquela engrenagem funcionar. Só com o crédito da Karibé, Ara poderia enfrentar sua nova empreitada.

- Às seis horas da manhã eu estava na rua Xavantes! – conta Ara.

Encontrou o velho Dorf na entrada. O empresário queria seguir para o estoque, achando tratar-se de mais uma rodada de compras. O assunto, no entanto, era outro.

- Meu patrão quer me passar a loja, mas não tenho dinheiro para sustentar o negócio – confessou Ara.

- Tenho muita vontade de trabalhar, mas preciso de crédito! – acrescentou.

A resposta foi surpreendente. O judeu calculou a média de compras mensais do cliente e concedeu um crédito de três vezes esse valor. O prazo de pagamentos que era de 60 dias passou para 75 dias.

- Eu quase pulei por cima da escrivaninha, tamanha felicidade – narra Ara.

De volta para a loja, o patrão cobrou a posição:

- A loja é minha! – respondeu Ara.

- E por que você só respondeu agora?

- Você é inteligente. Se você passasse a loja para mim sem dinheiro para investir, não adiantaria nada. Fecharia daqui um mês.

#### **IV.1 – Azar no jogo**

Os motivos que levaram o comerciante a transferir a loja para o nome do seu amigo e gerente tem muito a ver com um traço terrível da sua personalidade. No mezanino da loja, era comum o patrão subir com amigos passar algum tempo por lá, atitude das mais esquisitas.

Estranhando o fato, Ara revirou o local, encontrou um baralho em uma gaveta usado no jogo de 21.

- Não tive dúvidas: joguei tudo no lixo – conta.

Antes de uma viagem que faria para Argentina, o ex-patrão estava gripado e, para se recuperar logo tomou uma injeção de penicilina. O empresário teve uma reação alérgica e um derrame, que paralisou a metade do seu corpo.

Daquele momento em diante, a esposa tomou conta dos negócios e o empresário mergulhou em uma rota decadente. Por noite de jogatina, chegava a tomar uma garrafa de Whiskey e fumar um maço de cigarros.

Chegaram a tentar um tratamento na Suíça, com um neurocirurgião turco, para aliviar as consequências do AVC, mas a exigência era parar de fumar e beber. De nada adiantou.

Ara vivia em um apartamento enorme com 600 metros quadrados no bairro de Higienópolis e passava quase o dia inteiro na cama, sob os cuidados da esposa que, estranhamente dizia que não conseguia financiar um tratador para o marido.

Aquele armênio tinha sete lojas na rua Oriente e uma na Barão de Ladário. Um patrimônio líquido e rentável. Mas, não tinha um tostão no bolso. A esposa não deixava o homem pôr a mão no seu próprio dinheiro

Mesmo debilitado, o amigo chegava de táxi para visitá-lo na loja e Ara era obrigado a pagar a corrida. Eles seguiam para o bar Quatro Gomes<sup>61</sup>. O padrinho pedia um café com uma dose de conhaque. “Nunca me conformei com isso”, afirma Ara.

Depois que a mulher do padrinho descobriu que Ara havia comprado a loja na rua Miller, sem avisar, apareceu com o marido na loja. Ela fez uma provocação para Ara, insinuando que ele deveria pagar luvas pelo ponto cedido. Irritado, o armênio deu as costas para o casal, fato pelo qual se arrependeu mais tarde.

Ao final do dia, o xará ligou, pedindo que Ara fosse até sua casa. Lá chegando, ouviu do padrinho que estava triste por ter sido expulso da loja:

- Minha gratidão por você não tem fim – disse Ara.

O amigo deixou claro que o problema foi a esposa tê-lo provocado.

- E quando você vai devolver a loja? – perguntou.

- Em meados de fevereiro – respondeu.

---

<sup>61</sup> Sociedade de um pai imigrante português e seus três filhos

Satisfeito com o acordo, o ex-patrão abriu um whiskey e os amigos brindaram. Mas, logo chegou a esposa, pedindo o imóvel antes das festas, o que prejudicaria sensivelmente os negócios na melhor época do ano.

- Esse whiskey azedou – afirmou Ara que se despediu do amigo.

O armênio seguiu ao encontro de um advogado do Bom Retiro, indicado por judeus, que aceitou sua defesa na causa do mandato de despejo que enfrentaria em breve. Ele deixou claro que era uma causa perdida, mas que seria possível protelar sua saída.

Dito e feito. A ação correu por um ano e meio. Nesse período Ara não pagou os 23 salários de aluguel, mas sim apenas um salário por mês e nem um centavo a mais. Quando saiu, deixou um balconista na esquina da rua Oriente resgatando os velhos clientes.

Anos mais tarde, Ara recebeu um telefonema da esposa do seu amigo. Estava morto. A herança dos filhos foi paga antecipadamente pelo pai depois de uma briga.

No serviço funerário, Ara escolheu o melhor caixão e a melhor coroa de flores para o padrinho. Obrigou que o filho pagasse a conta. Também descobriu que a família não tinha sequer um jazigo para enterrar o empresário.

Foi Ara que localizou no Cemitério da Paz um local para depositar os restos mortais daquele que deu o primeiro impulso na sua vida como empresário.

